RIO ABAIXO – RIO ACIMA E SERRA ACIMA:

POR UMA CARTOGRAFIA CULTURAL DA FÉ E DEVOÇÃO

ZULEIKA ALVES DE ARRUDA
NADIR DE FÁTIMA BORGES BITTENCOURT
ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA

Atena Editora
Ano 2023

RIO ABAIXO – RIO ACIMA E SERRA ACIMA:

POR UMA CARTOGRAFIA CULTURAL DA FÉ E DEVOÇÃO

ZULEIKA ALVES DE ARRUDA
NADIR DE FÁTIMA BORGES BITTENCOURT
ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA

Atena Editora
Ano 2023

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

2023 *by Atena Editora*
Copyright © Atena Editora
Copyright do texto © 2023 Os autores
Copyright da edição © 2023 Atena Editora
Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.
Open access publication by Atena Editora

Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Rio Abaixo – Rio Acima e Serra Acima: por uma cartografia cultural da fé e devoção

Diagramação: Letícia Alves Vitral
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: As autoras
Autoras: Zuleika Alves de Arruda
Nadir de Fátima Borges Bittencourt
Elizabeth Madureira Siqueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A779 Arruda, Zuleika Alves de
Rio Abaixo – Rio Acima e Serra Acima: por uma cartografia cultural da fé e devoção / Zuleika Alves de Arruda, Nadir de Fátima Borges Bittencourt, Elizabeth Madureira Siqueira – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-1375-2
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.752233005

1. Cartografia Cultural. I. Arruda, Zuleika Alves de. II. Bittencourt, Nadir de Fátima Borges. III. Siqueira, Elizabeth Madureira. IV Título.

CDD 526

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Fotografias: Zuleika Arruda, Antônio Siqueira (In memoriam) e Leticia M. Tamiozzo
Cartografia: Zuleika Arruda e Kleverson Piedade

Capa e arte gráfica: Maria Elisa Soares

Pesquisa textos: Nadir Bittencourt, Elizabeth Siqueira e Zuleika Arruda

Correção Texto: Nadir Bittencourt

Colaboração - Pesquisa (Bolsistas): Hythally Gabrielly Albuquerque da Silva

Miquéias Ernani de Barros Soares

Mirian dos Santos Gonçalves

Emanuel Sampaio Araújo

Yasmim Victória Fernandes de Oliveira

As práticas culturais estão em constante movimento espacial e temporal. Mudam suas dinâmicas, os agentes, os lugares, mas buscam, apesar da velocidade das transformações contemporâneas, manter uma conexão que faz com que tudo aquilo faça/seja sentido, em especial, a partir das relações intergeracionais.

Justamente por sua dinamicidade, as práticas culturais que envolvem manifestações da fé, dos saberes, fazeres, sabores e das cantorias também vão adaptando-se às novas necessidades, desejos e anseios das comunidades locais, cujo vínculo emocional com os preparativos das festas, práticas e manifestações culturais, experiências, identidades e tudo que envolve a cultura constroem uma atmosfera emocional que cria fortes laços que dão sustentação para essas comunidades sentirem-se vivas e visíveis.

A coletânea que agora você irá trilhar convida para conhecer a pluralidade das manifestações culturais do estado de Mato Grosso, mantidas com sangue, suor e lágrimas por grupos e comunidades ribeirinhas, pantaneiras e rurais, que mantêm esse corpo vivo da fé e da devoção nas diferentes espacialidades em torno do Vale do Rio Cuiabá. São mantidas como um processo de resistência por essas comunidades, que, a partir de suas práticas, revelam o que realmente lhes importa.

Como disse Manoel de Barros, o nosso "Menino do Mato": “**Sou beato de ouvir a prosa dos rios**”. O Rio Cuiabá é todo permeado por uma prosa histórica construída por essas comunidades. Que a sua jornada nessa coletânea possa estar aberta para ouvir as narrativas em torno do Rio e entender que "**As águas são a epifania da criação**". Aceite o convite para o banquete dessas águas. Boa leitura!

Profa. Dra. Marcia Alves Soares da Silva,

Departamento de Geografia da UFMT

Cuiabá, 6 de fevereiro de 2023

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

CAPÍTULO 1: VALE DO RIO CUIABÁ: CULTURA E TRADIÇÃO PELO CAMINHO DAS ÁGUAS **9**

VIOLA-DE-COCHO: O SABER/FAZER QUE DÁ RITMO ÀS CELEBRAÇÕES MATO- GROSSENSES **13**

Cururu 15

Siriri 18

Dança de S. Gonçalo – Festa de São Gonçalo 18

Dança do Congo - Festa de São Benedito 20

Dança dos Mascarados – Festa de São Benedito/ Divino Espírito Santo/ N. Senhora do Rosário 22

Cavalhada – Festa de São Benedito 23

Rasqueado 25

Lambadão 26

CARTOGRAFIA DOS RITMOS DAS FESTAS DE SANTO **27**

CAPÍTULO 2: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: AS PRÁTICAS FESTIVAS DO VALE DO RIO CUIABÁ **28**

DEVOÇÃO E FÉ - O ACONTECER ANTES DA FESTA **31**

As Bandeiras Esmoleiras 32

A Novena 33

A Ladainha 34

O Ritual de Levantamento do Mastro 35

A Descida do Mastro – Finalização da Festa 38

A Procissão 39

LUGARES DE SOCIABILIDADES, SABERES E SABORES DAS FESTAS DE SANTO **41**

O Muxirum 42

A Socata 43

Tchá Co' Bolo e/ou "Quebra-Torto"(Zona Rural) 44

SUMÁRIO

CAPÍTULO 3: CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO 46

ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS(AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - RIO ACIMA 52

Rosário Oeste 52

Nobres 53

Jangada 54

Acorizal 55

FESTA DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS COMUNIDADES RIO ACIMA 56

CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO –COMUNIDADES RIO ACIMA 59

ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS (AS) E FESTAS DEVOCIONAIS/PROMESSAS - RIO ABAIXO 60

Santo Antônio de Leverger 60

Poconé 61

Nossa Senhora do Livramento 62

Barrão de Melgaço 63

FESTAS DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - COMUNIDADES RIO ABAIXO 64

CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO–COMUNIDADES RIO ABAIXO 71

ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS (AS) E FESTAS DEVOCIONAIS/PROMESSAS - SERRA ACIMA 72

Chapada Dos Guimarães 72

Nova Brasilândia 73

Planalto da Serra 73

FESTAS DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - COMUNIDADES SERRA ACIMA 74

CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO –COMUNIDADES SERRA ACIMA 75

ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS (AS) E FESTAS DEVOCIONAIS/PROMESSAS - GRANDE CUIABÁ 76

Cuiabá 76

Várzea Grande 77

SUMÁRIO

FESTAS DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - COMUNIDADES GRANDE CUIABÁ 78

CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO –COMUNIDADES GRANDE CUIABÁ 80

CONSIDERAÇÕES FINAIS 81

REFERÊNCIAS 83

SOBRE AS AUTORAS 85

INTRODUÇÃO

Este atlas cartográfico cultural **RIO ABAIXO – RIO ACIMA E SERRA ACIMA: POR UMA CARTOGRAFIA CULTURAL DA FÉ E DEVOÇÃO** é fruto do projeto de pesquisa intitulado "RIO ABAIXO A SERRA ACIMA E AS CARTO(GRAFIAS) CULTURAIS DOS RITOS E SABORES PRESENTES NAS CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS", aprovado no Edital Nº 48/2021 - RTR-PROPES/RTR/IFMT, e executado em 2021/22, cujo objetivo foi cartografar e representar os dados referentes às práticas culturais e ao patrimônio imaterial dos municípios pertencentes à Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá/MT.

No sentido prático, pretendeu-se que a carto(grafia) cultural produzida constitua uma ferramenta útil para a valorização da cultura e preservação do patrimônio imaterial dos municípios pertencentes a essa região, com vistas à democratização do conhecimento produzido e à divulgação da cultura regional.

No Vale do Rio Cuiabá, tradicionalmente conhecida como "Baixada Cuiabana", são comuns as festas realizadas em louvor aos santos padroeiros e também aos de devoção, como forma de exteriorizar a fé, de celebrar o vínculo entre os homens e o universo espiritual. Essas festas acontecem de diversas formas, das mais simples, que são realizadas em um dia, até as mais bem elaboradas e demoradas, que acontecem durante vários dias, com novenas, festejos, procissões, missas solenes, quermesses, leilões, etc.

Essas festas de santos são expressões não apenas da exteriorização da fé, mas também momentos de sociabilidades, quando antecedem a festa propriamente dita, como preparações de comidas, bebidas, danças, folguedos, entre outros preparativos.

As festas religiosas e manifestações culturais, historicamente incorporadas no imaginário social, reproduzem saberes e formas de expressão da cultura a que cada grupo social recorre para manifestar sua identidade coletiva, consolidada por um sentimento também compartilhado.

Acredita-se que o vínculo significativo existente na construção de redes de sociabilidades em função das celebrações faz com que tal prática cultural seja sustentada e realizada por diferentes gerações.

O presente atlas cultural pretende também dar visibilidade aos agentes sociais que estão envolvidos no processo do fazer a festa, suas particularidades organizacionais e de sociabilidades.

Considerando que tais atividades festivas participam fortemente da produção de sentidos específicos de lugar e de território, acreditamos que registrar as narrativas textuais dos acontecimentos festivos e práticas culturais desses "microterritórios", fazer (re)lembrá-los ou (re)conhecê-los, é um meio de produzir uma "história-memória" e de (re)significar e valorizar aquilo que poderia ficar ignorado e/ou esquecido para um indivíduo ou coletividade.

Sob o título de **RIO ABAIXO – RIO ACIMA E SERRA ACIMA: POR UMA CARTOGRAFIA CULTURAL DA FÉ E DEVOÇÃO**, o presente Atlas histórico-cultural se propõe a analisar as diversas regiões constitutivas deste extenso Vale, cujo contorno cartográfico abarcou o Rio Cuiabá enquanto ponto determinante em quatro espaços específicos: a Grande Cuiabá (Cuiabá e Várzea Grande), Rio Acima (Rosário Oeste, Nobres, Jangada e Acorizal), Rio Abaixo (Poconé, N. S. do Livramento, Santo Antônio de Leverger e Barão de Melgaço) e Serra Acima (Chapada dos Guimarães, Planalto da Serra e Nova Brasilândia), todos derivados da movimentação dos colonizadores, tendo o rio Cuiabá como ponto de partida e referência maior.

Inscrito na linha da Cartografia Cultural, o presente Atlas se apresenta inovador, na medida em que sua estampa serviu para registrar a atuação dinâmica da cultura material e imaterial das comunidades pertencentes aos quatro citados espaços do território mato-grossense. Consubstancia diversas facetas do universo cultural, a exemplo das festas que tradicionalmente são ali encenadas, tendo por base o mote da fé, os santos padroeiros, as músicas, danças, a culinária e outras encenações que abrilhantam as festas.

No presente caso, a **Cartografia do Rio Abaixo – Rio Acima e Serra Acima: por uma cartografia cultural da fé e devoção**, de cunho cultural, material e imaterial, relaciona e descreve as diversas modalidades de expressões culturais e sua realização em diferentes espacialidades de Mato Grosso.

GRANDE CUIABÁ (CUIABÁ E VÁRZEA GRANDE)

CUIABÁ teve origem na movimentação dos bandeirantes paulistas, rumo ao extremo Oeste, ocasião em que, rompendo os limites do Tratado de Tordesilhas e impulsionados pela extração aurífera, fixaram um primeiro povoado às margens do rio Cuiabá, demarcando, pela primeira vez, a presença lusitana na extrema raia oestina, nos idos de 1719, quando ali se formou o arraial do Cuiabá com suas minas de ouro, ensejando o estabelecimento de um povoado que, em 1727, se transformou na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. De 1719 a 1748, o povoamento da região esteve sob o comando administrativo da capitania de São Paulo, dela se desvinculando quando da criação da capitania de Mato Grosso, em 1748.

Uma imagem do Sr. Bom Jesus foi confeccionada, nos primórdios do século XVIII, por uma artesã de Sorocaba e trazida para o extremo oeste para abençoar e proteger os colonizadores. Quando a monção atingiu as imediações do Porto de Cuiabá, ela encalhou e se negou a subir o rio. Os monçoeiros desembarcaram a imagem, que permaneceu nas Minas do Cuiabá como protetora da primitiva zona mineradora.

Nessa medida, Cuiabá representou o núcleo primeiro das primeiras manifestações culturais, base importante para o desenvolvimento da cultura nos demais espaços mato-grossenses. Ao desembarcar a imagem, foi ali erguida uma capela inicialmente de palha, depois de tijolos, tendo sido uma das primeiras menifestações da igreja católica. Foi então criado um calendário festivo e comemorativo aos diversos santos de proteção, como o Sr. Bom Jesus, São Gonçalo, São Benedito e posteriormente para os santos de fé, os santos juninos, como Santo Antônio, São João e São Pedro. Inúmeras irmandades religiosas foram criadas em torno das igrejas, cada qual representando um agrupamento étnico e a quem cabia a organização dos festejos, arrecadação de esmolas e organização do aparato musical e de missas e procissões.

VÁRZEA GRANDE, como integrante do Rio Cuiabá, se situa defronte ao Porto Geral de Cuiabá, em sua margem direita.

Diversas nações indígenas povoaram originalmente o lugar, com especial referência aos Guaná e suas ramificações. Muitos bandeirantes atravessavam o Rio Cuiabá em busca de ouro e índios no território várzea-grandense, porém não chegaram de ali se fixar.

Bordest[1] denomina a região de acesso a Várzea Grande como *Porto Velho*, espaço trafegado desde o século XVIII e que ensejou os primórdios de Várzea Grande. Foi ali que as primeiras famílias se fixaram, a exemplo de Escolástica e João Vieira, fundadores e moradores da Chácara São João, reduto responsável pela articulação comercial entre o Porto Velho e a região circunvizinha. Recorrendo ainda a Bordest[2], "Assim, no alvorecer do século XX havia aí uma população ligada à sociedade tradicional que se revelou não apenas dedicada à família, mas também à vida pública. Pessoas modestas, principalmente, provenientes da capital Cuiabá, de Poconé, de Nossa Senhora do Livramento e de outros municípios, estados e até mesmo de outros países".

Oficialmente, Várzea Grande nasceu do Acampamento Couto de Magalhães, uma base edificada durante a Guerra do Paraguai para servir de abrigo aos prisioneiros guaranis. Sua edificação data de maio de 1867, pois, segundo Ubaldo Monteiro[3], o presidente da província mato-grossense, José Vieira Couto de Magalhães, desejava que os prisioneiros paraguaios ficassem longe da zona do conflito e distante de Cuiabá. Com o passar dos anos, já em 1890, os povoadores que permaneceram no espaço do acampamento, erguendo barracas e ranchos, dariam início do povoado de Várzea Grande, em sua porção mais interior.

A santa escolhida pelos colonizadores do lugar foi Nossa Senhora da Guia, para a qual ergueram uma capela e, mais tarde, igreja em sua devoção. Ainda recorrendo a Ubaldo Monteiro, "o movimento foi encabeçado por Elesbão Pinto e Sebastião dos Anjos, filho do fundador Joaquim dos Anjos que, auxiliados pelo pessoal da 'Guarita', Passagem da Conceição e do Porto, depois de vários meses conseguiram erguer uma igreja que tomou o nome de Nossa Senhora da Guia".

As atividades iniciais dos primeiros habitantes tiveram por base a pecuária de criação, engorda e abate do gado bovino, sendo o produto comercializado em Cuiabá. Nos primórdios, a travessia era feita por bois e mulas que varavam o rio, evento que permaneceu até o ano de 1874, quando foi instalada uma primeira balsa para travessia de pessoas e mantimentos, de ambos os lados. Os pecuaristas várzea-grandenses

1. BORDEST, Suíse Monteiro Leon. *Bairro Porto Velho: em Cartografia de Famílias.* Cuiabá: Paruna, 2022.
2. BORDEST, S. M. L. Op. Cit, p. 17.
3. MONTEIRO DA SILVA, Ubaldo. *Várzea Grande: passado, presente e confrontos.* Cuiabá: 1987, p. 54.

se uniram aos de Livramento e Poconé, mantendo estreitas relações comerciais. O circuito se dava através da *Estrada Boiadeira*, nome originário da atual Avenida da FEB. Somente no ano de 1942, o interventor Júlio Müller mandou edificar a ponte que hoje leva seu nome.

Foi nestes núcleos originários que se expressaram pela primeira vez a viola-de-cocho, o ganzá e os instrumentos de percussão que animavam as apresentações de Cururu, Siriri e dos Congos e Batuques, típicos da região.

Várzea Grande foi considerada o 3º Distrito de Cuiabá, até o ano de 1948, quando conquistou o foro de Município, graças ao projeto apresentado pelo Deputado Licínio Monteiro da Silva (UDN). Bordest[4] acrecenta: "Pela Lei Estadual n. 2.131, de 21 de janeiro de 1964, de autoria do deputado Licínio Monteiro da Silva, ficou criado o Distrito de Porto Velho, em Várzea Grande, possuindo 5.000 hectares de extensão territorial, compreendendo o povoado da Manga e o Capão do Negro, território este remanescentes de escravos, nomenclatura oficializada pelo Tribunal de Justiça de Mato Grosso, em 8 de maio de 1987".

RIO ACIMA (ROSÁRIO OESTE, NOBRES, ACORIZAL E JANGADA)

ROSÁRIO OESTE teve sua origem no ano de 1751, com a chegada de Inácio Manoel Tourinho à localidade de Monjolo, trazendo consigo a imagem de Nossa Senhora do Rosário, fabricada por um santeiro do Rio de Janeiro. Com a morte de Tourinho, essa imagem foi transladada para um novo povoado, situado à beira do rio e à montante da cidade de Cuiabá, Com isso, teve sua população aumentada no ano de 1812, quando o capitão Pedro da Silva Prado, o tenente Victório Lopes Macedo e Marcelino Rodrigues de Toledo deram início à povoação, sob a nominação original de Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima, oficializada como Freguesia, através do Decreto nº. 30, de 26 de agosto de 1833. Pela Lei Provincial nº. 8, de 25 de junho de 1861, foi elevado a município e, por força da Lei nº. 694, de 11 de junho de 1915, sua denominação foi alterada para Rosário Oeste. A Lei nº. 772, de 16 de junho de 1918, outorgou-lhe foro de cidade[5].

NOBRES se formou pela junção de três sesmarias: Bananal, Francisco Nobre e Pontezinha, servindo de rota de passagem entre Cuiabá, Rosário Oeste e Diamantino, tendo São Sebastião como o santo protetor. Com o passar dos anos, o vilarejo teve denominação alterada, passando a *Bananal*, graças aos extensos bananais plantados na região. Na Divisão Territorial do Estado de MT, de 31 de dezembro de 1936, a localidade apareceu com o nome de *Nobres*. Em 1943, foi criado o Distrito de Paz de Nobres, jurisdicionado a Rosário Oeste. O Município de Nobres foi criado pela Lei Estadual nº 1.943, de 11 de novembro de 1963, por propositura do deputado Valdon Varjão.

ACORIZAL, nascido sob a invocação de Nossa Senhora das Brotas, foi inicialmente denominado de *Brotas*, referência à santa protetora. Em 25 de agosto de 1833, através de Lei Provincial, foi criado o Distrito Paroquial de Nossa Senhora das Brotas, subordinado à Freguesia de Nossa Sra. do Livramento. Um desenvolvimento, se bem que incipiente, chegou a dar destaque comercial à localidade enquanto região voltada para a agricultura, com especial vocação para o plantio da cana-de-açúcar, chegando a erigir diversos engenhos que produziam a rapadura, o açúcar e a aguardente, sendo a produção comercializada em Cuiabá.

Acorizal foi inicialmente povoada pelos índios da nação Bororo, povo originário do qual descenderam seus primeiros habitantes. Devido à conquista pela terra pela febre do garimpo, os Bororos acabaram sendo expulsos, migrando para outras localidades. Segundo Ferreira[6], "Pela tradição oral, em 1817, duas famílias de portugueses, fugindo das perseguições políticas cuiabanas, se arrancharam onde hoje se assenta a igreja de Nossa Senhora das Brotas. Uma delas possuía uma estátua de Nossa Senhora das Brotas para veneração". Conta outra lenda que uma família possuía o exemplar de uma única vaca. Sete meses depois de chegar ao novo sítio, o animal desapareceu. Após muito procurarem, a vaca foi encontrada morta no córrego do Garimpo da Candonga. Em prece fervorosa, os sitiantes colocaram a imagem de Nossa Senhora das Brotas num tronco seco de uma árvore do cerrado, comumente denominada "lixeira" e, em prece, invocaram a ela para encontrar a vaca que abastecia de leite a comunidade. Na manhã seguinte, o tronco da lixeira arrebentou em brotos e a vaca apareceu com o ubre cheio de leite. Agradecidos, os moradores modelaram uma vaquinha em barro, com as pernas para cima e a colocaram no pé da imagem[7]. Foi esta comunidade garimpeira e criadora de gado e mantimentos que manteve vivo

4. BORDEST, S. M. L. Op. Cit, p. 19.
5. FERREIRA, J. C. V. *Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2018.
6. Ibidem.
7. Ibidem.

o espaço, visto que a sobra da produção era comercializada em Cuiabá.

Em 26 de outubro de 1938, através do Decreto-Lei Estadual nº 208, que definiu nova Divisão Territorial do Estado de MT, a nomenclatura passou de Brotas para *Acorizal*, em referência à quantidade de palmeira acori existente na região, assim como ao curso d'água que leva a mesma denominação[8].

O Município foi criado pela Lei nº 691, de 12 de dezembro de 1953, de autoria do deputado estadual Lenine de Campos Póvoas, localizado na Mesorregião 130, Microrregião 533 - Rosário Oeste - Centro-Sul de MT.

JANGADA - O primeiro nome da localidade foi *Passa Três*, atribuído por antigos moradores, como o das famílias pioneiras de Ricardo Firmo da Cunha, Joaquim Marques da Silva, Antônio de Almeida, Fidêncio Ribeiro e Félix José de Trindade. Escolheram Nossa Senhora Aparecida como a padroeira do lugar. O pioneiro Félix José de Trindade atribuiu sua longevidade à tranquila e pacata vida no vilarejo do *Passa Três*. A Lei nº. 209, de 2 de dezembro de 1945, criou o Distrito de Paz sob a denominação de *Jangada*[9].

O Município de Jangada foi criado pela Lei nº 5.051, de 11 de setembro de 1976, de autoria das bancadas do PDS e PMDB, locali zado na Mesorregião 130, Microrregião 533 - Rosário Oeste - Centro-sul de Mato Grosso.

RIO ABAIXO (BARÃO DE MELGAÇO, POCONÉ, N. S. DO LIVRAMENTO, SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER)

BARÃO DE MELGAÇO foi denominado originalmente de apenas *Melgaço*, em referência a Augusto Manoel Leverger, o Barão de Melgaço. Nasceu ele em Saint Malô, na França, em 30 de janeiro de 1802, e veio para a América do Sul acompanhando seu pai, ambos atuantes na marinha. O jovem Leverger incorporou-se à Marinha brasileira em 1824 como 2° Tenente, combatendo no Rio da Prata contra o Uruguai e a Argentina, vindo mais tarde para Mato Grosso. Chegou a Cuiabá no ano de 1830, pela rota fluvial do cone sul. Leverger se encantou pela "Cidade Verde", local que escolheu para residir e se casar. Foi no território mato-grossense que ele desempenhou diversas atividades relevantes e que marcaram a história do Estado, especialmente governando a província de Mato Grosso por diversas vezes. Foi embaixador, em nome do governo imperial, nas negociações diplomáticas com a nação paraguaia, visando a abertura da navegação do Rio Paraguai, antes mesmo da eclosão da Guerra[10].

Durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Leverger se ofereceu voluntariamente, ante o iminente ataque paraguaio, para comandar a defesa da capital. Mandou edificar uma fortificação nas Colinas de Melgaço, ao lado de voluntários e cívicos soldados. Ali, hoje, foi mandado construir, pelo governo estadual, em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - IHGMT, o *Memorial da Guerra do Paraguai*, marco desse importante evento.

O local escolhido foram as Colinas de Melgaço, ponto estratégico e de difícil acesso paraguaio. Mesmo tendo realizado este feito, os paraguaios não chegaram a Cuiabá, porém Leverger ficou famoso por seu espírito cívico, tendo sido agraciado com o título de Barão de Melgaço, outorgado pelo Imperador D. Pedro II, ao final do conflito armado com a Comenda de Grão-Mestre. Deixou escritas inúmeras obras sobre Mato Grosso. Faleceu em Cuiabá-MT, no dia 14 de janeiro de 1880.

Em 1897, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores, foi criada a Paróquia de Melgaço. Aos 25 de março de 1902, foi instituído o Município de Melgaço encampando o de Santo Antonio do Rio Abaixo. Algum tempo depois, o município foi suprimido, porém restaurado novamente em 1938. A 31 de dezembro de 1943, Melgaço teve sua denominação novamente alterada para Barão de Melgaço. O município foi criado em 12 de dezembro de 1953, através da Lei nº 690.

POCONÉ foi criado aos 21 de janeiro de 1871 sob a denominação de *São Pedro d'El Rey*. O Decreto-Lei Provincial, de 25 de outubro de 1831, criou o município de Poconé, localizado na Mesorregião 130, Microrregião 535 - Alto Pantanal - Centro-Sul do Estado de Mato Grosso.

Suas origens remontam ao ano de 1777, com a descoberta de ouro e diamante. O primeiro nome do lugar foi *Beripoconé*, em referência à nação indígena que habitava a região. A 21 de janeiro de 1781, o mestre de campo Antônio José Pinto de Figueiredo, a mando do governador da capitania, capitão-general Luíz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, lavrou a Ata de fundação do Arraial de São Pedro d'El Rey. O Decreto Geral do governo regencial, de 25 de outubro de 1831, criou o município, com

8. FERREIRA, J. C. V. op. cit.
9. Ibidem.

10. Academia Mato-Grossense de Letras. *Revista Centenária da AML*, Cadeira 11, 2021.

a denominação de *Villa de Poconé*, voltando o nome antigo e um pouco modificado, que era Beripoconé para Poconé. Neste decreto, pela primeira vez foram delimitados seus limites. A 1º de junho de 1863, através de Lei Provincial, o município de Poconé recebeu foro de Cidade[11].

Rico em cultura e tradição, o município pantaneiro é famoso pelas suas manifestações culturais, com destaque para a Dança dos Mascarados e a encenação das Cavalhadas, duelo sobre cavalos numa disputa entre mouros e cristãos. Contemporaneamente, o município passou por momentos difíceis relativos ao meio ambiente, seja pelo garimpo desenfreado ou pelas queimadas, responsáveis pela matança de inúmeras cabeças de gado[12].

NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO - Sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento, o atual município integra a Baixada Cuiabana. A crendice popular livramentense atribui a vinda de imagem de N. S. do Livramento diretamente de Portugal, confeccionada por um artesão. Quando a imagem seria levada para Cuiabá, passando por Livramento, carregada em lombo de burro, a caravana parou para descansar. Quando seus integrantes resolveram prosseguir, o burro empacou, não queria mais levantar e seguir viagem. Quando a imagem da santa foi retirada do lombo do animal, a caravana conseguiu prosseguir, visto que a cada tentativa de colocar a santa novamente nas costas do burro, ele resistia em não seguir viagem. Os viajantes decidiram, então, construir um ranchinho e nele colocar a imagem de Nossa Senho ra do Livramento.

As origens do município de Livramento se deveram às lides garimpeiras. Em 1730, paulistas descobriram ouro no Ribeirão Cocais, a seis léguas de Cuiabá e a três quilômetros do local onde mais tarde se formou a primeira povoação, berço da futura cidade. O primeiro nome popular foi *Cocais*, depois *São José dos Cocais*, em referência ao rio e a São José. A Lei nº 11, de 26 de agosto de 1835, criou a Paróquia de Nossa Senhora do Livramento, alterando, assim, o nome original de São José dos Cocais. O município foi criado pela Lei Provincial. Em 31 de dezembro de 1943, houve alteração na denominação, retornando para São José do Cocais. A Lei nº 179, de 30 de outubro de 1948, porém, alterou o nome de *São José dos Cocais* para Nossa Senhora do Livramento - Localizado na Mesorregião 130, Microrregião 534 – Cuiabá - Centro-sul matogrossense[13].

SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER - A região de Rio Abaixo, onde se situa o município de Santo Antônio do Leverger, foi uma das mais antigas a ser povoada, pois diversas cartas de sesmarias foram doadas pelo capitão-general Rodrigo César de Menezes, quando a região pertencia à capitania de São Paulo. Diversos colonos ali instalaram fazendas de produção de arroz e cana-de-açúcar, além de outros produtos que abasteciam as Minas do Cuiabá.

Quando uma monção rumava em direitura a Cuiabá, ainda no ano de 1734, já bastante abatida por causa dos conflitos com os índios Guató, um dos batelões encalhou e resistiu em prosseguir viagem. Então, os monçoeiros verificaram que, ao retirar uma imagem de Santo Antônio, a embarcação prosseguia. Então, eles resolveram deixar o santo no lugar que hoje é território de Santo Antônio do Leverger. Pela vitória de conseguir chegar até Cuiabá, dois moradores da região onde a imagem foi deixada, Manoel da Silveira Sampaio e João Mendes Coelho, fizeram a doação de um terrreno para edificação da futura igreja[14].

Assim, as origens de Santo Antônio de Leverger se ligam a Cuiabá, pois na região de Rio Abaixo foram montados diversos engenhos e usinas de açúcar, transformando o espaço em forte reduto político e econômico, com destaque para as Usinas do Itaicy, Maravilha, Flexas, Conceição e outras. O terreno para constituição do patrimônio de Santo Antônio do Rio Abaixo foi doado pela família Paes de Barros, em 1885, para ali ser edificada uma igreja em homenagem a Santo Antônio. Além do orago de Santo Antônio, a nomenclatura também homenageia Augusto João Manoel Leverger - o Barão de Melgaço, francês de nascimento, e que dedicou grande parte de sua vida às causas de Mato Grosso, tendo sido presidente da província por várias vezes. Augusto Leverger foi um bravo comandante e defensor do solo mato -grossense, por ocasião da Guerra do Paraguai

O dia 4 de julho de 1890 foi criado o município de Santo Antônio do Rio Abaixo. A Lei nº. 208, de 26 de outubro de 1938, alterou a denominação de Santo Antônio do Rio Abaixo para simplesmente *Santo Antônio*. Em 31 de dezembro de 1943, nova alteração se verifica: de Santo Antônio para *Leverger*. Por fim, a Lei nº. 132, de 30 de

11. FERREIRA, J. C. Op. cit.
12. Ibidem.
13. Ibidem.
14. SIQUEIRA, E. M. *A ocupação pioneira da região do Rio Abaixo*. Cuiabá: IHGMT - Publicações Avulsas n. 1, 1997.

dezembro de 1948, alterou de Leverger para *Santo Antônio de Leverger*, denominação atual. O Município foi criado no dia 4 de julho de 1890.[15]

SERRA ACIMA (CHAPADA DOS GUIMARÃES, PLANALTO DA SERRA, NOVA BRASILÂNDIA)

CHAPADA DOS GUIMARÃES - Em 1814, o povoado foi elevado à categoria de Freguesia. Através da Lei Provincial nº 219, de 11 de dezembro de 1848, foi transformando em Distrito Administrativo. O Distrito de Paz de Chapada foi criado em 1875.

Em 1720, Antônio de Almeida Lara subiu a serra de Chapada disposto a encontrar um local para edificar uma fazenda de cana- de-açúcar.

Considerando a necessidade de produtos agrícolas que pudessem abastecer as Minas do Cuiabá, garantia de povoamento, a coroa portuguesa, através do governador de São Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, doou diversas sesmarias, sendo uma das primeiras a prosperar a "Burity Monjolinho", cujo proprietário foi Antônio de Almeida Lara, que logo tratou de demarcar os limites de uma grande fazenda, onde foi erguida a Escola Evangélica de Burity.

Visando prosperar seu empreendimento, ele foi a São Paulo em busca de mudas de cana-de-açúcar, voltando seis meses depois com elas, que logo foram plantadas em sua fazenda.

Com isso surgiram as primeiras colheitas de cana, importante para a produção de açúcar, rico alimento, e da cachaça que, à época, serviu como importante ingrediente para minimizar as febres e atenuar os sintomas das doenças.

A Chapada dos Guimarães ficou famosa por abrigar a primeira Missão Indígena, comandada por jesuítas, os quais fundaram a chamada *Aldeia Velha* ou Aldeia de *Santana*, distante cerca de três quilômetros do centro de Chapada, foi dirigida pelo padre Estevão de Castro. Na missão evangélica foi construída uma igreja coberta de palha, com altar forrado com papéis pintados com a imagem de Nossa Senhora de Santana do Sacramento, ladeada de Santo Inácio de Loyola e São Francisco de Assis. Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, a aldeia de "Santana" foi abandonada, dispersando os índios que ali residiam.

15. FERREIRA, J. C. V. Op. Cit.

No ano de 1778, um benfeitor, o Juiz de Fora de Cuiabá Dr. José Carlos Pereira, ao subir a serra, constatou as condições deploráveis da capela da antiga missão, para a celebração dos ofícios divinos. Resolveu ele construir uma nova igreja, feita de taipa pilada, datando sua inauguração de julho de 1779.

Em l782, a cidade deixou de se chamar Chapada de Santana e passou a apenas ser denominado de *Guimarães* (nome de uma cidade do norte de Portugal). Apenas no século XX, foi acrescentado ao nome "*dos Guimarães*". Em 1814, o povoado foi elevado à categoria de Freguesia e através da Lei Provincial nº 219, de 11 de dezembro de 1848, transformada em Distrito Administrativo. O Município foi criado pela Lei nº 701, de 15 de dezembro de 1953 - Localizado na Mesorregião 150, Microrregião 534 – Cuiabá - Centro-Sul de MT.[16]

Chapada dos Guimarães adentrou o século XX com apenas 10% da população computada no século XIX. A fazenda Buriti, já abandonada, foi vendida aos presbiterianos norte-americanos, que ali estabeleceram, em 1923, a primeira missão evangélica do Brasil Central, a Escola Evangélica do Buriti, que, durante muito tempo, foi um colégio técnico agrícola em regime de internato, formando estudantes nas lides agrícolas. Hoje, o empreendimento foi fechado, porém sua contribuição educacional e técnica foi de grande expressão.

Considerada um município riquíssimo em paisagens e recursos naturais, Chapada dos Guimarães possui 46 sítios arqueológicos; 02 sítios paleontológicos; 59 nascentes; 487 cachoeiras; 3.300 km² de Parque Nacional; 2.518 km² de Área de Proteção Ambiental; 02 Reservas Estaduais; 02 Parques Municipais; 02 Estradas Parque; 157 km de paredões; 42 imóveis tombados pelo Iphan; 38 espécies endêmicas[17]. Pelo clima ameno, Chapada dos Guimarães chegou a ser pensada como capital, sob a denominação de Mariópolis, projeto do governador Mário Corrêa da Costa, porém, pelas dificuldades oferecidas pelos acidentes geográficos, o projeto foi abandonado.

Atualmente, Chapada dos Guimarães se tornou um forte atrativo turístico, seja pela diversidade de sua paisagem natural, seja pelas atividades culturais manifestadas através das feiras e festivais.

16. Ibidem.
17. PORTAL MT. *Chapada dos Guimarães*, acesso 17.10.2022.

PLANALTO DA SERRA - A origem do atual município de Planalto da Serra remonta ao ano de 1946, quando chegaram à região os primeiros migrantes. Em 1949, foi a vez de Francisco Soler, natural de Apucarana-PR, o qual objetivou criar uma cidade no sítio que abriga Planalto da Serra, utilizando de recursos para atrair os novos moradores, como a omissão da verdadeira localização do lugar, dando o Rio Manso como ponto de referência. De forma sorrateira, iniciou a comercialização dos lotes, do que derivou resistência dos compradores de terra[18].

Inicialmente, a localidade recebeu o nome de *Capão Grande* e depois *Vinagre*, em referência a um córrego do mesmo nome que corta a região. Durante alguns anos, não conheceu qualquer tipo de progresso, ficando estagnada. O impulso ocorreu a partir de 1970, com incentivos fiscais do governo federal para atrair migrantes para Mato Grosso[19].

Destaque deve ser dado à Fazenda Rancharia, próspera empresa agropastoril e que, dado o alto grau de desenvolvimento foi elevado à condição de Distrito de Paz, em 21 de janeiro de 1964, pela Lei Estadual nº. 2.134, pertencendo ao município de Chapada dos Guimarães. A fazenda estava localizada em posição geográfica estratégica e por isso atraía famílias que vinham em busca de terras, estabilidade e progresso. Surgiu, assim, o Patrimônio de Rancharia. Até os dias de hoje o topônimo Rancharia é referência no município de Planalto da Serra, não apenas por ser um distrito, mas por sua significativa história. Na década de 1960/70, Rancharia e outras fazendas de gado instaladas na região a basteciam os garimpos de diamante na região do município de Paranatinga[20].

Devido à diversidade de povoamento, Nossa Senhora Aparecida foi escolhida como a santa protetora.

NOVA BRASILÂNDIA - O núcleo que originou Nova Brasilândia teve como impulso a mineração que atraía muitos aventureiros, aliada às atividades agrícolas e pastoris. As notícias das riquezas minerais e da fertilidade da terra provocaram a corrida de garimpeiros, lavradores, comerciantes e mineiros. Diversas fazendas de gado foram instaladas na região, a exemplo das fazendas Brasil, São Manoel e Rancharia.

18. Ibidem.
19. Ibidem.
20. PORTAL MT. *Chapada dos Guimarães*, acesso 17.10.2022.

Na década de 1970, essas propriedades abasteciam os garimpos de diamantes de Paranatinga e outras zonas extrativas das proximidades, tendo como santa protetora Nossa Senhora das Dores.

Com o aumento da população e sedimentação das atividades produtivas, foi criado, pela Lei n.º 3.760, de 29 de junho de 1976, o distrito de Nova Brasilândia, que absorveu o distrito de Rancharia, mesmo nada dizendo a citada lei a respeito. Aos 10 de dezembro de 1979, através da Lei n.º 4.149, de autoria dos deputados Paulo Nogueira e Osvaldo Pereira, Nova Brasilândia se tornou município.

Diversos personagens marcaram a história de Nova Brasilândia: Antenor Manoel Raposeiras, Cizenando Santana, Alzerino Bernardes de Aguiar, Taller Gouveia Fernandes, Alexandre da Silva, Nhonhô de Campos, Gerson Camilo Fernandes e outros[21].

O nome Brasilândia deriva da Fazenda Brasil, instalada nos primórdios da década de 1970, na região do Vale do Fica-Faca, a três quilômetros do rio Fica-Faca, quando Lindomar Bett, proprietário da Fazenda Brasil, doou uma área para formação de patrimônio, que passou a ser Brasilândia, em homenagem à citada fazenda.

Em 29 de junho de 1976, por força da Lei Estadual nº 3.760, foi criado o distrito de Brasilândia que, pelo progresso obtido, absorveu o de Rancharia. O município foi criado a 10 de dezembro de 1979, através da Lei Estadual nº 4.149, com a denominação de Nova Brasilândia, para distinguir das homônimas.

Nessas regiões, além do Cururu, Siriri e Dança do Congo, outras são derivadas destas expressões culturais. A exemplo, temos hoje diversas modalidades de dança de salão, como o Rasqueado e o Lambadão, representando a evolução das originárias e muito dançadas nos bailes e festividades, como explicou Silva, com relação ao Rasqueado:

A explicação mais plausível para que a dança recebesse essa denominação aponta primeiramente para as tentativas dos tocadores “rasquear” a viola de cocho para executar o cururu mato-grossense, ou seja, usar a técnica trazida de Portugal no instrumento que eles mesmos construíam e produzir uma sonoridade para acompanhar sua cantoria. Um processo de mão dupla que ocorre quando músicos se encontram,

21. Ibidem.

dividem saberes[22].

O rasqueado é um ritmo dançante bastante vibrante de origem ribeirinha e possivelmente derivado da polca paraguaia, muito encenada nos acampamentos de prisioneiros paraguaios, como estudou Silva[23]

Segundo Silva, "A palavra "*rasqueado*" surgiu historicamente a partir do aparecimento das guitarras espanholas, principalmente as castelhanas e catalanas com 5 (cinco) cordas, nas quais a maneira de tanger os dedos sobre as cordas produziam sons do tipo "rasgado", como se o tocador fosse rasgar as cordas nos pontos de contatos entre dedo e corda, resultando num espectro harmônico característico da sonoridade da música espanhola. […] *Rasguear* também significa a técnica de arranhar os dedos por sobre as cordas, fazendo surgir uma sonoridade rica em harmônicos de curta duração, sendo necessário habilidade para conseguir o efeito desejado, e que no Brasil, a palavra "rasguear" foi transformada em "rasquear", comumente usada para explicar uma forma de tocar ou compor para o violão".

Está presente nas festas sagradas e profanas e é sempre esperado pelos participantes dos festejos, em geral apresentado nas festas de São João, Senhor Divino, São Benedito, São Gonçalo, entre outros, e sempre encenado ao encerramento das festividades, visto ser muito alegre e vibrante. Sua vulgarização e ampliação para apresentação em salões se deveu, em grande parte, à musicista Zulmira Canavarros, que, pelo seu talento, conseguiu este feito, como explica Silva: "O incentivo para essa aceitação veio pelas mãos ao piano da musicista, compositora e teatróloga Zulmira Canavarros que começa a difundir a cultura popular, principalmente o rasqueado, numa roupagem mais "clássica" com as influências do chorinho brasileiro, das mazurcas e do samba, interpretado por instrumentos musicais da música erudita como violino e a flauta entre outros, nos bailes, festas e carnaval cuiabano"[24].

Já o Lambadão, outro estilo de música e dança de salão, também característico do vale do Rio Cuiabá, é especialmente encenado nos municípios de Poconé, Rosário Oeste, Cuiabá e Várzea Grande. Por seu ritmo vibrante e estilo sincopado e bastante acelerado, usualmente é tocado e acompanhado por letras que remetem ao regional.

22. SILVA, Silbene Corrêa Perassolo da. *O RASQUEADO CUIABANO: Estudo sobre as interações entre paraguaios e cuiabanos na construção da identidade mato- grossense (1864 a 1940)*, p. 5-6).
23. Ibidem, p, 3 e 14.
24. Ibidem, p. 3.

Com a introdução do trabalho escravo, novas manifestações se verificaram, a exemplo da Dança do Congo - festa de S. Benedito – Divino Espírito Santo, as quais, mesmo fazendo uso dos santos católicos, remetem para um universo cultural específico. Nessa medida, se misturam os universos religiosos católico com os de origem indígena e africana, expressos no interior das festividades, que propiciam espaço para manifestação de homenagem aos santos, individual ou individualmente. Nessas ocasiões, as festas são organizadas pela própria comunidade, que viabiliza financeiramente a realização dos eventos, quase sempre com a ajuda unicamente dos fiéis. Todos os paramentos são confeccionados pelos integrantes da comunidade, a qual também se responsabiliza pela parte culinária.

Assim, o presente Atlas Cultural ultrapassa os limites do convencional, visto riquíssimo em manifestações culturais de Rio Acima, Rio Abaixo e Serra Acima consignando uma contribuição significativa para a compreensão dos universos espirituais e materiais manifestos durante os eventos.

CAPÍTULO 1: VALE DO RIO CUIABÁ: CULTURA E TRADIÇÃO PELO CAMINHO DAS ÁGUAS

Foto: Antonio Siqueira (2019)

Foto: Arruda (2019)

A região do Vale do Rio Cuiabá, tradicionalmente conhecida como "Baixada Cuiabana", corresponde à porção do território mato-grossense denominada depressão Cuiabana, situada entre o Planalto dos Guimarães e a Província Serrana, limitando-se ao Sul com o Pantanal mato-grossense. Essa unidade é constituída por uma superfície pouco inclinada para o Norte, elevando-se gradualmente a 200m no contato com o Pantanal, e a 450m nos altos Vales dos Rios Cuiabá e Manso (ROSS et all, 2005, p. 219).

A região é drenada pelo rio Cuiabá e seus afluentes: Chiqueirão, Jangada e Piraim, na margem direita, e Marzagão, Manso, Acorizal, Coxipó-Açú, Coxipó, Coxipó-Mirim, Aricá Açú, Aricá Mirim, Mutum e São Lourenço, na margem esquerda.

O rio Cuiabá, afluente do rio Paraguai, é formado pelo Rio Cuiabá Bonito e Cuiabá da Larga, que nascem, respectivamente, na vertente Norte da Serra Azul e na depressão Interplanáltica de Paranatinga (MAITELLI, 2005, p. 274).

A porção da cabeceira do rio (historicamente conhecida como Rio Acima) apresenta trechos com corredeiras, cuja altimetria média na nascente é de 500m, que vão diminuindo à medida que seguem em direção à foz no rio Paraguai, divisa de Mato Grosso (município de Poconé) com Mato Grosso do Sul (Corumbá).

Rio Acima - próximo à nascente (Apa do Rio Cuiabá) – R. Oeste
Foto: Arruda (2019)

No seu médio curso (município de Cuiabá e Várzea Grande), cujo desnível apresentado é de 158m, encontra-se o marco de referência utilizado historicamente para classificar os assentamentos humanos e as ocupações produtivas situadas à

montante (nascente) do rio Cuiabá, denominando-as de Rio Acima (Rosário Oeste), à jusante (foz) de Rio Abaixo (Santo Antônio de Leverger) e Serra Acima (Chapada dos Guimarães).

Médio curso: Cuiabá /V. Grande
Foto: Arruda (2019)

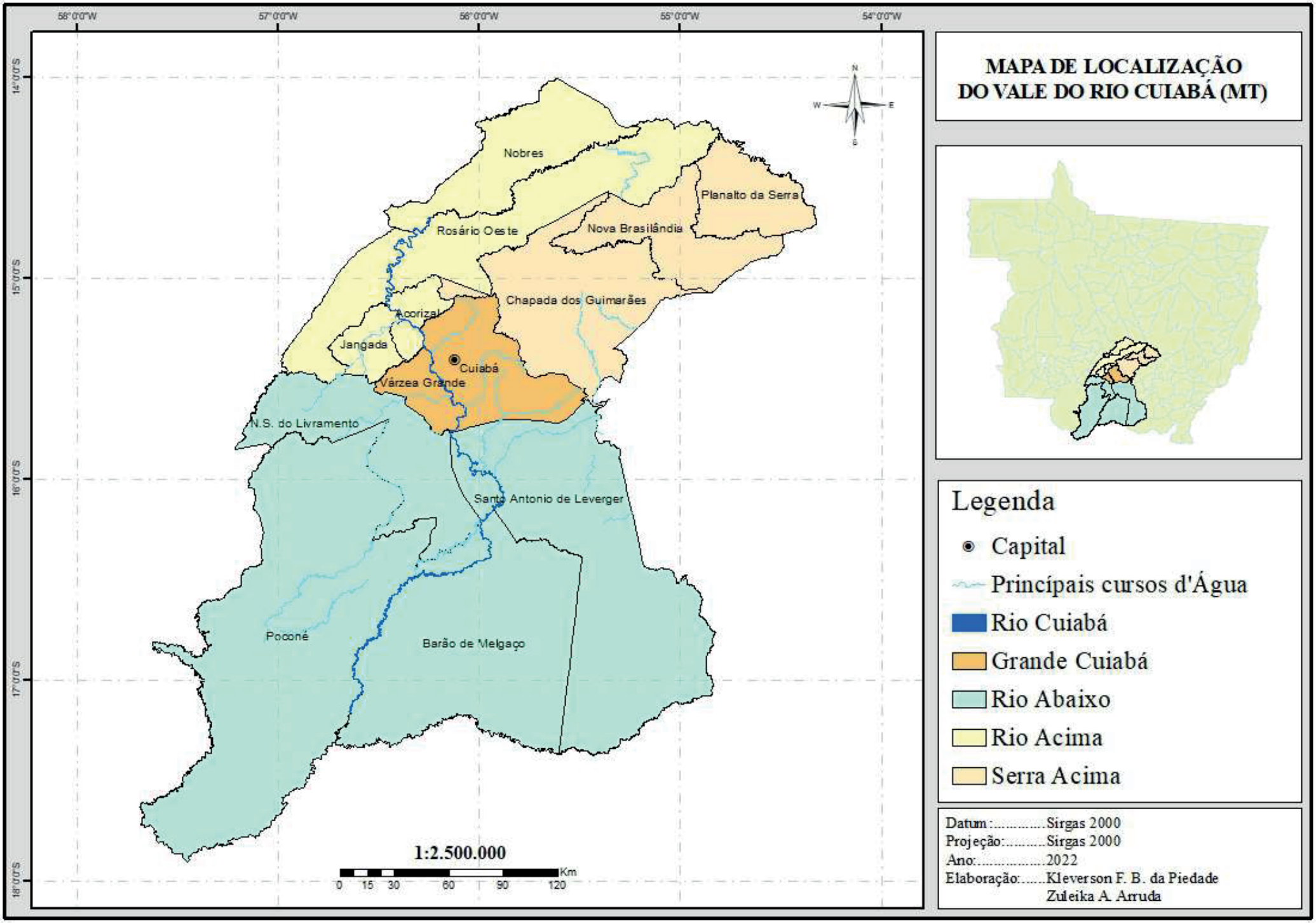
O baixo curso do rio Cuiabá (Rio Abaixo) drena áreas pantaneiras, sendo grande o número de corixos e vazantes que para ele convergem, aumentando-lhe o volume nos períodos de cheias (MAITELLI, 2005, p. 273).

Essa região representa a porção mais antiga do território mato-grossense e é uma referência para a cultura. Com exceção do município de Nova Brasilândia e Planalto da Serra, outrora com área jurisdicionada à Chapada dos Guimarães, os demais municípios que compõem a Região do Vale do Rio Cuiabá possuem a sua gênese no século XVIII e vinculavam-se à Vila Real de Bom Jesus de Cuiabá.

Rio Abaixo: S. Antônio de Leverger.
Foto: Arruda (2019)

Historicamente, o rio exerceu um papel importante para a sobrevivência e fixação de populações tradicionais indígenas (Guaicuru e Paiaguá), no processo de povoamento e ocupação dessa região, contribuindo para a configuração territorial dos povoamentos ao longo do curso, com o desempenho de práticas econômicas pautadas na pesca e agricultura de subsistência realizadas nas áreas férteis das várzeas e terra firme. Ao lado desse conjunto de práticas têm relevância as culturais, as quais povoam o imaginário da população ribeirinha.

Seus moradores possuem representações que caracterizam seu grupo cultural e que foram instituídas a partir de um imaginário social construído em sua relação íntima com a dinâmica das águas. “[...] Para os moradores das comunidades tradicionais ribeirinhas e pantaneiras a água é muito mais que um elemento da paisagem natural, ela representa fonte de subsistência, de (re)produção da vida; espaço do ócio e lazer, da religiosidade e das manifestações culturais” (TAMIOZZO, 2019, p. 07).


MAPA DE LOCALIZAÇÃO
DO VALE DO RIO CUIABÁ (MT)
58°0'0"W
57°0'0"W
56°0'0"W
55°0'0"W
54°0'0"W
14°0'0"S
15°0'0"S
16°0'0"S
17°0'0"S
18°0'0"S
N
W
E
S
Nobres
Planalto da Serra
Rosário Oeste
Nova Brasilândia
Chapada dos Guimarães
Acorizal
Jangada
Cuiabá
Várzea Grande
N.S. do Livramento
Santo Antonio de Leverger
Poconé
Barão de Melgaço
1:2.500.000
0 15 30 60 90 120 Km
Legenda
Capital
Princípais cursos d'Água
Rio Cuiabá
Grande Cuiabá
Rio Abaixo
Rio Acima
Serra Acima
Datum:.....Sirgas 2000
Projeção:.....Sirgas 2000
Ano:.....2022
Elaboração:.....Kleverson F. B. da Piedade
Zuleika A. Arruda

Nos séculos XVII e XVIII, a rede hidrográfica do Rio Cuiabá teve um papel importante para o processo de ocupação territorial e econômica, uma vez que serviu como via de penetração dos bandeirantes paulistas e monçoeiros para o aprisionamento de índios e descoberta de minas auríferas. Ou seja, onde "as expedições paulistas puseram em prática o projeto da Coroa portuguesa de ampliar seus domínios além da faixa litorânea e da Linha de Tordesilhas" (HIGA, 2005, p. 18).

A atividade aurífera do século XVIII promoveu o surgimento de núcleos populacionais, como Cuiabá (1714), São Pedro D'El Rei (Poconé, 1721), N. S. do Livramento (1730) e, paralelamente como suporte a essa atividade, a produção de uma agricultura de subsistência nas áreas do Rio Abaixo (Santo Antônio de Leverger) e Serra Acima (Chapada dos Guimarães) (HIGA, 2005; SIQUEIRA, 2017).

Com o fito de concretizar as políticas de domínio territorial, a Coroa Portuguesa iniciou, no século XVIII, o processo de distribuição de terras através da concessão de sesmarias para aqueles que se dispusessem a explorar o território mato- grossense, assim como organizar política e socialmente os núcleos populacionais (arraiais e vilas), sua defesa e fiscalização, com a instalação de redutos militares.

O povoamento de Cuiabá, no início do século XVIII, representou a instalação de grupos sociais reprodutores de modos de vida semelhantes aos da Europa, uma vez que viviam sob a autoridade da monarquia portuguesa. Para garantir a fixação dos colonos, o seu rei tratou de cuidar da parte espiritual, com a edificação de templos sagrados (capelas e Igrejas) e suas celebrações religiosas, como: procissões, cortejos, bailes, danças, mas também representações teatrais (ARRUDA et all, 2017).

Em todos os traçados dos núcleos populacionais emergentes verifica- se a presença de um templo sagrado católico, com altares de santos da devoção lusitana, em torno dos quais se reuniam os devotos responsáveis pela festa, sua ornamentação, arrecadação de esmola do santo protetor e pelas missas, tudo sob a responsabilidade das irmandades religiosas. Elas, além de espaço de reunião e agremiação, eram também espaços de expressão das diversas camadas sociais, à medida que sua constituição tinha como base classificatória o poder aquisitivo e a cor, pois a do Senhor Bom Jesus (branco e elite) e de S. Benedito ou de N. Senhora do Rosário (negros e pobres) (SIQUEIRA, 2017).

As práticas culturais e a (re)produção das manifestações das tradições festivas, mesmo importadas da Europa, foram sendo (re)produzidas no espaço imediato, criando laços identitários que resultaram em formas peculiares de organização da paisagem cultural por meio da apropriação material e simbólica do espaço.

Isso não quer dizer que só existissem a reprodução de práticas sociais de orientação europeia, pois a Capitania possuía, como integrantes de sua população, grupos sociais provenientes de outras experiências culturais, como a dos muitos povos indígenas, bem como dos africanos deslocados para servirem como mão de obra escrava nas regiões mineradoras da capitania de Mato Grosso, além dos mestiços. Esses grupos, importantes na estrutura econômica e social da capitania mato-grossense, (re) produziram marcas no território por meio de práticas culturais, saberes e religiosidades que contribuíram para produção da cultura mato-grossense (ARRUDA et all, 2017).

A miscigenação entre os índios da região, os negros escravizados e os brancos colonizadores contribuíram para a instrumentalização e a musicalidade, notadamente das comunidades tradicionais do Vale do Rio Cuiabá, como a viola-de-cocho, o ganzá e o mocho utilizados nas celebrações e festas religiosas, repercutindo também no linguajar.

VIOLA-DE-COCHO: O SABER/FAZER QUE DÁ RITMO ÀS CELEBRAÇÕES MATO-GROSSENSES

A viola-de-cocho, símbolo da identidade mato-grossense, é um objeto imbuído de signos e significados, de saberes e fazeres, crenças, rituais e devoções que estão implícitas no objeto produzido, expressando a relação entre a natureza e a religiosidade existente nas comunidades tradicionais do Vale do Rio Cuiabá.

Ela possui um significado simbólico que extrapola o lado funcional enquanto mero instrumento musical, constituindo-se um elemento catalisador da formação da identidade e manutenção da cultura das comunidades tradicionais rurais.

Confeccionada artesanalmente e utilizada nas festas católicas rurais dessa região, por músicos (cururueiros) das camadas populares, a viola é a que dá o ritmo às rodadas de Cururu, às danças de Siriri e de São Gonçalo e às manifestações do Boi-a-Serra (ARRUDA et all, 2018).

Cururueiros do Rio Acima.

Rosário Oeste

Foto: Arruda (2018)

Embora a viola seja a sustentação harmônica do canto do cururueiro, apresenta estilos distintos de entonação e ritmo musical, linguagem, coreografia e poesia.

De acordo com o dossiê do IPHAN (2005), existem duas maneiras distintas de entoar a viola-de-cocho: os chamados sotaques rio-acima ou a viola-rio-acima, em referência ao trecho do rio Cuiabá em direção à nascente, com corredeiras que impedem a navegação, e os sotaques rio-abaixo ou viola- rio-baixana, que correspondem ao trecho navegável do rio a partir da cidade de Cuiabá, em direção ao Pantanal e sua foz.

Cururueiros do Rio Abaixo.
Foto: Arruda (2018)

No trecho denominado rio-acima, a viola-rio-acima é tocada em ritmo mais lento e, em consequência, o Cururu tem também andamento mais moderado. No trecho denominado rio-abaixo, a viola é tocada em andamento mais rápido. As diferenças de andamento são acompanhadas por maneiras diversas de dançar o Siriri nessas localidades.

As violas que dão ritmo às toadas dos cururueiros e às danças de Siriri e São Gonçalo são embaladas por um linguajar cheio de expressões e sotaques tipicamente ribeirinhos. A oralidade, o improviso dos repentistas das trovas e cantorias e a

ritualização da festa também constituem características marcantes desse grupo social. Mesmo destituídos do conhecimento formal, reproduzem frases de origem latina nos rituais religiosos adquiridos via oralidade.

Representativa das práticas culturais e identidade cuiabana, a viola traz signos da religiosidade, representados pelos adornos usados pelos cururueiros, como a prática de amarrar fitas coloridas no cabo da viola-de-cocho, indicativo do número de rodas de Cururu em que a viola foi tocada em devoção a um santo.

A simbologia das cores da fé.
Foto: Siqueira (s/d)

Na simbologia católica, cada cor representa a fé e devoção a um santo: amarelo é utilizado no dia de N. Senhora da Conceição, verde, no dia de São Gonçalo, verde e vermelho, para S. Sebastião, rosa, para S. João, vermelho, para o Divino Espírito Santo, branca, para Nossa Senhora das Graças e azul, para S. Benedito (ARRUDA et all, 2018). Essas cores estão presentes nos adornos que compõem o ritual e o espaço festivo do santo(a) homenageado(a).

Símbolo de adoração ao santo.
Foto: Arruda (2019)

Nas festas de santos realizadas nas comunidades tradicionais rurais, a presença dos cururueiros é garantida. As festas geralmente são organizadas por devotos que se reúnem em casa e convidam um grupo de cururueiros para tocar e dançar, seja para pagar uma promessa atendida por um santo de sua devoção, seja como forma de demonstrar fé ou cumprir a tradição de, anualmente, homenagear o santo de devoção.

No momento da ladainha, os tocadores/cururueiros seguem um ritual religioso e, passado esse momento, eles se divertem fazendo repentes que exigem grande habilidade para improvisar sobre temas reais ou imaginários de suas vivências.

CURURU

O Cururu ou “função”, quase sempre associado ao Siriri, é um divertimento típico e popular dos mais antigos de Cuiabá e de algumas outras cidades de Mato Grosso.

A prática do Cururu se fez presente nos espaços urbanos e rurais da capitania de Mato Grosso, juntamente com os batuques, congadas e em muitas festas devocionais, demonstrando que práticas consideradas pagãs ou próprias de negros escravizados ou alforriados misturavam-se com manifestações sagradas. Nos dias atuais, é recorrente em quase todos os municípios do Vale do Rio Cuiabá.

Foto: Festa de S. Gonçalo – Comunidade S. Gonçalo Beira Rio.
Arruda (2018)

Consiste de, no mínimo, dois cantadores, sempre do sexo masculino: um tocando viola-de-cocho e outro o ganzá (instrumento de percussão feito de taquara), ou os dois tocando viola. Pode ser praticado também em forma de “porfia” (desafio), sendo que um cantador faz pergunta ao outro companheiro, desafiando seus conhecimentos em algum tema. O Cururu é cantado sempre a duas vozes, sendo uma mais grave e outra mais aguda. Os cantadores se colocam num semicírculo ou em roda e iniciam a apresentação com quadrinhas sobre a região.

Roda de Cururu.
Foto: Arruda (2018)

A temática dos cururueiros é sobre casos do cotidiano popular, sátiras, louvação a santos ou declaração. Os cururueiros dançam rodando no sentido horário e a passos simples, mudando e encostando o pé esquerdo ao direito, que fica atrás, e assim sucessivamente. Tocar, dançar e cantar o Cururu é demonstração da vinculação do indivíduo com o santo (ARRUDA et all., 2018).

Foto: Festa de S. Gonçalo – Livramento.
Foto: Arruda (2022)

Foto: Festa N. Senhora da Guia.
Cuiabá

Foto: Arruda (2022)

Dança de Siriri

Fotos: Arruda (2019)

SIRIRI

O Siriri é um dos folguedos mais populares do estado de Mato Grosso, fazendo parte da maioria das festas tradicionais realizadas em louvor aos santos. Alguns documentos informam que foi introduzido pelos bandeirantes paulistas e coloniazadores portugueses, no período da conquista territorial.

Outros indicam traços da cultura banto africana da região, ou de indígenas originários da região. A origem da palavra "siriri" é imprecisa. Para uns, vem da palavra "otiriri", que significa um entremez do século XVIII em Portugal e para outros significa um tipo de formigão com asas (um cupim de asas que se movimenta coreograficamente lembrando o folguedo) (SOTO LABBÉ, 2008).

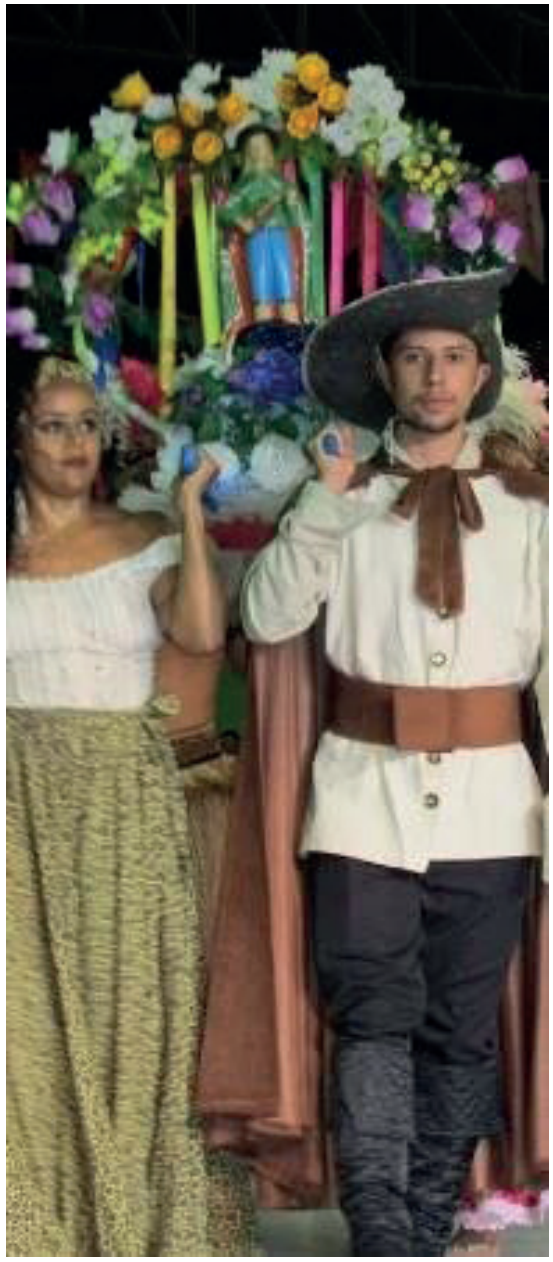
É um folguedo do qual participam homens, mulheres e crianças em roda ou filas formadas por pares que se movimentam ao som da viola-de-cocho, ganzá, mocho, viola de pinho, sanfona, tamboril.

O Siriri é composto de cantos em versos simples que falam do cotidiano e de suas crenças, muitas vezes improvisados pelos "tiradores" (cantor e/ou cururuerio).

Siriri tradicional – brincadeira na festa de santo.
Foto: Arruda (2022)

É também conhecido como dança mensagem, pois é pura expressão corporal e coreográfica, que procura transmitir respeito e culto à amizade.

DANÇA DE S. GONÇALO – FESTA DE SÃO GONÇALO



Representação da dança de S. Gonçalo – Grupo Flor Ribeirinha.
Foto: Arruda (2018)

A dança de São Gonçalo tem origem portuguesa e está presente no Brasil desde o século XVIII, representando os valores religiosos do catolicismo rural do Brasil. Ela era dançada no interior das igrejas, no início dos tempos, com o objetivo de pagamento de promessa, como ocorre com frequência na zona rural.

Em Mato Grosso, a dança é típica da Comunidade de S. Gonçalo Beira Rio (Cuiabá), padroeiro da comunidade, executada também nas comunidades rurais de N. Senhora do Livramento e Poconé, onde mantém a matriz original da festa devocional, em que o sagrado e o profano (dança) estão sincronizados em um mesmo ritmo: da fé e devoção.

A festa tem início com a Ladainha de São Gonçalo, comandada pelo capelão (ã) e, em seguida, em frente ao altar, se desenvolve toda a dança ao som da música, entoada pelos cururueiros, que rememora a trajetória da vida do santo: festivo e alegre.

Dança de S. Gonçalo – Festa de S. Gonçalo -Sitio Tarumã.
Foto: Arruda (2018)

Dança de S. Gonçalo – Comunidade S. Gonçalo Beira Rio.
Foto: Arruda (2018)

Dança de São Gonçalo consiste em uma reza cantada e dançada por homens e mulheres em louvação a S. Gonçalo do Amarante, santo português, e celebrada a cada dia 10 de janeiro. Os cururueiros tocadores de viola-de-cocho e ganzá instruem os que se predispõem a brincar nos passos e evoluções da dança. Os versos de louvação ao santo são respondidos pelo refrão: "*Ora viva meu S. Gonçalo, oi torna revivar...*" Embalados ao som da viola-de-cocho, as pessoas dançam em filas ao redor do altar com a imagem do santo, que ao final é reverenciada e/ou beijada.

Em seguida, a imagem é conduzida pelo pagador da promessa ou dono da festa, o qual carrega o santo na mão e/ou na cabeça, sendo repassada para o devoto seguinte que o reverencia e assim sucessivamente. Faz parte do ritual a realização do percurso até a cozinha, em torno da residência do pagador de promessa com versos que transmitem agradecimento e proteção pela graça recebida, retornando ao altar onde o santo é depositado com outras imagens pelo (a) pagadore(a) de promessa.

Dança de S. Gonçalo – Pagadoras de promessa -Sitio.
Foto: Arruda (2022)

DANÇA DO CONGO - FESTA DE S. BENEDITO

Trilhando pelas ruas da cidade.
Foto: Arruda (2018)

Com sua longa capa vermelha, coroa e espada em punho, o rei do Congo de Nossa Senhora do Livramento está sempre pronto para uma nova batalha. Esse ritual centenário é originado do imaginário do Quilombo de Mata Cavalo – comunidade negra de descendentes de escravos, hoje território quilombola.

A Dança do Congo conta a história de uma dura guerra, encenada através de cantos, danças e declamações, sempre em louvor ao santo de devoção (ÁGUAS, 2013), do qual Fé e Festa, ambas, ao mesmo tempo, compõem respectivamente os espaços sagrado e profano. A Dança do Congo ou Festa do Congo consiste na dramatização de uma luta simbólica travada entre dois reinados africanos. O Embaixador de um outro reino pede ao rei do Congo a mão de sua filha em casamento. O rei rejeita o pedido, então o Embaixador declara guerra ao rei do Congo.

A Dança do Congo estabelece a continuidade do relacionamento da comunidade com seus ancestrais e as divindades que lhe são peculiares. No Congo, os homens estabelecem disputas: cada qual procura mostrar sua destreza, já que a festa autoriza alguns poderes simbólicos a certos indivíduos, tornando-os especiais.

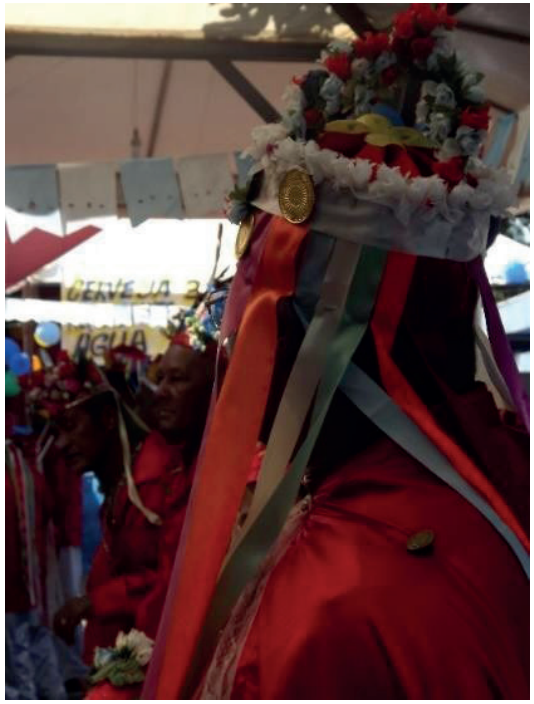


Foto: Tamiozzo (2019)

Trilhando pelas ruas da cidade.
Fotos: Tamiozzo (2019)

Foto: Tamiozzo (2019)

Este teatro ganha grande visibilidade durante a festa de São Benedito de Nossa Senhora do Livramento, realizada anualmente no mês de abril. O grupo de Congo é o grande protagonista da celebração. Os participantes se reúnem no domingo pela manhã, em frente à igreja matriz, de onde sai a procissão com a imagem de São Benedito, carregada sobre um andor.

O grupo passa de casa em casa, dançando para todos que abrem suas portas. Os anfitriões oferecem comida e bebida aos visitantes. Em seguida, o Congo retorna

para a praça, onde o teatro a céu aberto é apresentado. Por fim, “terminada a guerra”, o grupo dança na Casa de São Benedito – um espaço situado no centro de Livramento e dedicado ao santo (ÁGUAS, 2013, p. 174).

DANÇA DOS MASCARADOS – FESTA DE SÃO BENEDITO/ DIVINO ESPÍRITO SANTO/ N. SENHORA DO ROSÁRIO

Dança dos Mascarados – Festa do Divino.
Foto: Arruda (2018)

A Dança dos Mascarados integra as Festas de São Benedito e do Senhor Divino. Sua origem mistura a cultura dos colonizadores espanhóis e portugueses com as tradições indígenas e negras. Essa assertiva está pautada em duas versões, segundo Amaral & Moreira (2020, p. 123): “a dança tem seus passos baseados na contradança europeia e a forma de se colocar para realizar a dança, o ritmo da música e as movimentações remetem às danças de salão realizadas pela corte portuguesa, que na região se instalou para acompanhar a exploração das minas de ouro”.

A outra versão do surgimento da Dança dos Mascarados, contextualizada pelos moradores da região, é que ela faz parte da história dos índios Beripoconé, que habitaram originalmente a região. No contexto de trocas culturais, fizeram amizade com os escravos libertados que permaneceram na região e a eles foram ensinados os passos da dança realizada nas festividades indígenas. Como na aldeia apenas os índios do sexo masculino dançavam, pois não era permitida a participação de mulheres, isso foi reproduzido pelos moradores de Poconé. Até os dias de hoje, a Dança dos Mascarados tem apenas integrantes homens, alguns trajados com vestimentas femininas.

As máscaras são coloridas, assim como as roupas e os chapéus, todos enfeitados com espelhos, plumas coloridas e lantejoulas. Os dançarinos formam de 8 a 14 pares, divididos em duas fileiras: de um lado, os homens; de outro, as mulheres. A dança só termina quando as fitas ficam totalmente trançadas na baliza que, no alto, leva a bandeira do santo homenageado. Não há registro da Dança dos Mascarados em outras regiões do Brasil.

Dança dos Mascarados – Festa do Divino.
Foto: Arruda (2018)

CAVALHADA – FESTA DE SÃO BENEDITO

Na festa de São Benedito, realizada no mês de julho, a principal atração é a Cavalhada, que consiste na encenação de uma batalha entre mouros e cristãos. Originalmente, a Cavalhada simulava a disputa entre povos cristãos e muçulmanos (religião islâmica) na consolidação do Cristianismo, durante a Idade Média.

São 12 cavaleiros de cada lado, entre eles um mantenedor, um embaixador e 10 soldados. A disputa começa com o rapto da rainha moura pelos cristãos. Se na encenação quem ganha sempre são os cristãos, nas provas ou "corridas", que valem pontos, cada cavaleiro pode ajudar a equipe a vencer.

Foto: Arruda (2018)

Foto: Arruda (2022)

No final da celebração, bandeiras brancas são estendidas, sinalizando a paz. Os mouros são rendidos e se convertem à religião cristã, ou seja, representa o triunfo de uma identidade católica, herança lusitana.

Os rituais da festividade evidenciam sentidos sociais e simbólicos, verificando-se o envolvimento familiar no processo festivo, demarcando sentidos de pertencimento e significados contidos na encenação da Cavalhada: "(...) A Cavalhada em Poconé possibilita a seus participantes momentos de fé, interação, agradecimento pelas

graças recebidas, em especial a São Benedito. As famílias participantes de ambos os exércitos, bem como a população e o poder público demonstram dedicação e interesse em manter esse patrimônio cultural imaterial, herdado dos seus antepassados, ensejando a cada ano dar continuidade na realização do evento" (ROMANCINI & MACIEL, 2021).

Cavaleiro entregando a argola para familiar-

Foto: Arruda (2018)

Foto: Arruda (2022)

RASQUEADO

Dançando rasqueado.
Arruda (2022)

O rasqueado é um ritmo dançante originalmente ribeirinho, ligado às festas sagradas e profanas; até hoje, nas festas de santos (São João, Senhor Divino, São Benedito, São Gonçalo, entre outros), o rasqueado sempre está presente no encerramento das festividades (ARIANO, 2002).

A origem do rasqueado, segundo Ariano (2002) e Ferreira (1997), remonta à Guerra do Paraguai, visto manter forte influência da polca paraguaia e, misturado com o siriri, chegou-se ao atual rasqueado cuiabano, que ainda embala as festas na região da "Baixada Cuiabana".

É conhecido também por “limpa banco”, porque quando toca, ninguém consegue ficar sentado, é impossível resistir ao ritmo da dança (ARIANO, 2002).

Com o passar do tempo, esse ritmo musical sofreu mudanças, tanto em relação aos instrumentos, que se tornaram mais mecanizados, como na coreografia, se tornando mais sensual. Essas mudanças acabaram por atrair o público jovem e até mesmo crianças (PORTO, FILHA, CAMPOS et all, 2005).

Certo é que, hoje, nas festas na capital e na "Baixada Cuiabana", o rasqueado está presente tanto nas mais elitizadas quanto nas mais populares. É o estilo musical e de dança, juntamente com o lambadão, que dão ritmo às matinês e/ou domingueiras dançantes: marco que a festa acabou.

Rasqueado festa de S. Benedito “Nezinho” - Mata Cavalo de Cima.
Foto: Arruda (2019)

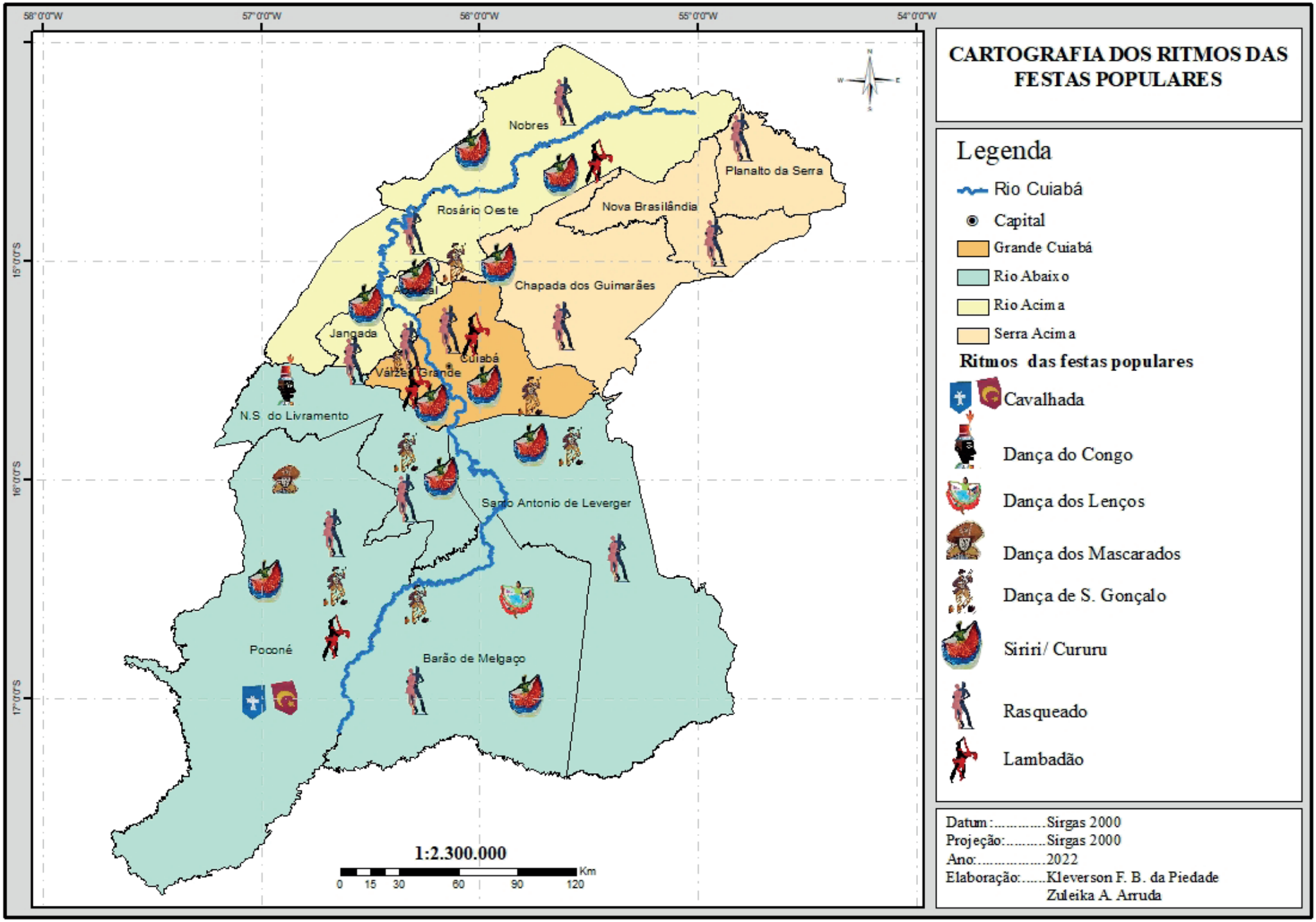
LAMBADÃO

O lambadão é um estilo de música e dança característico da "Baixada Cuiabana", especialmente encenado nos municípios de Poconé, Rosário Oeste, Cuiabá e Várzea Grande. Tem um ritmo suingado e bastante acelerado, acompanhado por letras românticas e por vezes jocosas.

Segundo Rosa (2016), as origens do lambadão vêm da mistura de três gêneros populares: o axé (na Bahia), a lambada e o carimbó (ambos no Pará), cujos ritmos, além de populares, têm um tom sensual.

O lambadão é um ritmo que dançado em casais, como na dança de salão, todavia ele não segue todos os padrões e condutas determinadas pela dança de casais já instituída (ROSA, 2016). Casas noturnas e bares são espaços preferidos, onde bandas tocam a noite toda empolgando os frequentadores. Quer seja mediante ritimos do rasqueado, do lambadão e na atualidade pelo sertananejo, é o momento que marca o fim das celebrações “profanas”, ou seja, o final da festa.

Fotos: Arruda (2019/22)


CARTOGRAFIA DOS RITMOS DAS FESTAS POPULARES
Legenda
Rio Cuiabá
Capital
Grande Cuiabá
Rio Abaixo
Rio Acima
Serra Acima
Ritmos das festas populares
Cavalhada
Dança do Congo
Dança dos Lenços
Dança dos Mascarados
Dança de S. Gonçalo
Siriri/ Cururu
Rasqueado
Lambadão
Nobres
Planalto da Serra
Rosário Oeste
Nova Brasilândia
Chapada dos Guimarães
Jangada
Cuiabá
Várzea Grande
N.S. do Livramento
Santo Antonio de Leverger
Poconé
Barão de Melgaço
1:2.300.000
0 15 30 60 90 120 Km
58°0'0"W
57°0'0"W
56°0'0"W
55°0'0"W
54°0'0"W
15°0'0"S
16°0'0"S
17°0'0"S
Datum:.....Sirgas 2000
Projeção:.....Sirgas 2000
Ano:.....2022
Elaboração:.....Kleverson F. B. da Piedade
Zuleika A. Arruda

Arte gráfica: Maria Elisa Soares

As festas religiosas, como fenômeno cultural, revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimenta as manifestações religiosas e perpetuam as tradições, se constituindo em verdadeiro patrimônio cultural. As festas reúnem um conjunto de rituais coletivos e não rotineiros da sociedade, se manifestando através de celebrações que envolvem o grupo ou comunidade num determinado tempo, cíclico ou excepcional (MARTINS, 2006).

A solidariedade entre as comunidades, além disso, é marcada pela ambiguidade estabelecida entre festa e penitência. No festejo há danças, missas e rezas, uma maneira de agradecer ao santo pela proteção, mas também é momento de pagar promessas, através de alguma penitência (MESQUITA, 2015).

Altar da festa do Santo (catolicismo) – Festa de S. Sebastião- Comunidade da Bocaina
Foto: Arruda (2018)

Altar da festa do Santo (candomblé) S. Gonçalo e S. Pedro – casa de festa de D. Polonia (Poconé).
Foto: Arruda (2019)

São comuns, nas festas populares baseadas no calendário religioso, manifestações de sincretismo afro-cristão, que fundem orixás, do candomblé, com santos católicos. Outro aspecto a ser considerado é que o catolicismo transformou alguns os rituais pagãos em homenagem, conferindo a eles um caráter sagrado, de acordo com os princípios cristãos.

O culto ao santo constitui parte da territorialidade portuguesa e do catolicismo e carrega a herança ibérica no espaço mato-grossense, pois, com as imagens dos santos trazidos pelo colonizador português, vieram as crenças que deram origem ao catolicismo popular brasileiro (STEIL, 2001) e, a maioria das festas segue datas

que, algumas vezes coincidem com o calendário laico, civil. Os santos portugueses também estão associados ao ato de fundação da cidade, quase sempre compondo sua toponímia.

O culto em torno da devoção a um santo representado por relíquia ou imagem fazia parte das práticas do catolicismo ibérico, incluindo a devoção particular vivida na privacidade da casa, e a devoção coletiva, vivida na comunidade de irmãos organizada em torno da eleição de um padroeiro comum, com quem dividiam simbolicamente incertezas e dificuldades terrenas.

A louvação ao santo de devoção pode ser feita durante vários dias, sendo que o ritual festivo segue etapas, como reza, a saudação ao altar, subida de mastro, música e dança do Siriri, de S. Gonçalo, do Congo e Cururu (dependendo do santo festejado), seguido do tradicional chá com bolo, almoço e/ou jantar com cardápio tradicional, podendo ainda ocorrer a "matinê", leilão, baile, encerramento da festa, descida do mastro e desmanche do altar do santo festejado.

Fé e devoção: Siqueira

DEVOÇÃO E FÉ - O ACONTECER ANTES DA FESTA

Adoração ao santo padroeiro

Foto: Arruda (2018)

Reverência musical ao santo.
Foto: Arruda (2018)

A celebração é permeada de trocas, ritos e cânticos que extrapolam a relação de devoção, envolvendo também trocas simbólicas entre pessoas de diversas esferas sociais. As pessoas externalizam a sua fé beijando e/ou tocando na bandeira do santo(a) homenageado(a).

AS BANDEIRAS ESMOLEIRAS

A “tiração” da esmola é outra parte da tradição sagrada das festas populares mato-grossenses. Tem início com, pelo menos, 30 a 40 dias antes da data da festa. Nesse período, os festeiros, devotos e voluntários da comunidade praticam a “tiração” da esmola, quando se leva a bandeira do santo(a), de casa em casa, por toda a cidade, comunidades e/ou entorno. Essa ação tem a finalidade de arrecadar donativos alimentares e em dinheiro, oferecidos espontaneamente dos devotos, em louvor ao santo(a). Este ritual é sempre conduzido pelos festeiros, os quais percorrerem as ruas da cidade levando a bandeira do santo de casa em casa e recebendo donativos.

Foto: Arruda (2019)

A NOVENA

Segundo a tradição da Igreja católica, a prática da novena tem sua origem e inspiração no dia da Ascensão do Senhor ao céu, quando o próprio Jesus pediu aos discípulos que permanecessem um tempo juntos, unidos em oração, até que recebessem o prometido Espírito Santo (At 1,4-14).

A novena se constitui em um momento importante da celebração, quando os nove dias de orações ao santo padroeiro são partilhados com membros da comunidade. A celebração segue os rituais católicos, completada por um roteiro elaborados pela Igreja (festeiros e pároco).

Nas comunidades rurais, dado a permanência de poucos sacerdotes, o leigo adquire autonomia para conduzir o rito religioso. O ritual é conduzido pelo capelão (ã) que, mediante a leitura de um caderno de anotações, transmitido de geração para geração, que contém as orações, orienta a realização da cerimônia.

Capelão – o saber transmitido de geração para geração.
Foto: Arruda (2019)

Fotos: Arruda (2018/19)

A LADAINHA

De origem grega, a ladainha quer dizer “súplica”, que os devotos de um(a) santo(a) devem repetir durante as novenas e/ou procissões.

Dentro da religiosidade popular, as ladainhas ocupam um lugar especial nas festas religiosas e são proferidas de acordo com o santo homenageado.

O ritual da ladainha é realizado por meio de rezas cantadas misturando latim com dialeto regional, como a Salve Rainha e a reza ao Senhor Divino.

Reza cantada é o conjunto das orações praticadas no âmbito do catolicismo oficial e outras próprias do catolicismo devocional praticado pelo grupo. Sem as rezas cantadas, a promessa não pode ser considerada paga, nem a festa completa, ainda que se tenham realizado as orações católicas oficiais.

Foto: Arruda (2019)

Foto: Arruda (2019)

Foto: Siqueira s/d

O RITUAL DE LEVANTAMENTO DO MASTRO

O levantamento do mastro simboliza o início da festividade e encerramento da novena, sendo responsável o capitão do maestro. A coroa e o quadro do santo fixado no mastro identificam o santo (a) que está sendo festejado(a).

Procissão para levantamento do mastro.
Foto: Arruda (2018)

Foto: Arruda (2018)

Levantamento do mastro.
Foto: Arruda (2018)

Mastro da Festa de S. João e S. Gonçalo – D. Polonia, Poconé.
Foto: Arruda (2019)

Fotos: Arruda (2019 – 2022)

O levantamento do mastro é ponto alto da festa, quando se fala em fé e devoção. É nessa hora que os devotos rendem graças ao santo padroeiro e aos santos promesseiros.

As pessoas externalizam a sua fé beijando e/ou tocando na bandeira do santo(a) homenageado(a).

Fotos: Arruda (2018)

A DESCIDA DO MASTRO – FINALIZAÇÃO DA FESTA

As festas religiosas são muito influentes na definição da vida das comunidades, por exemplo, em Mato Grosso, as festas possuem uma grande importância nas regiões de colonização mais antiga, a exemplo da "Baixada Cuiabana" e do Pantanal Mato-grossense (ARRUDA et all, 2017).

A solidariedade entre as comunidades, além disso, é marcada pela ambiguidade de festa e penitência. No festejo, há danças, missas e rezas, sendo esta a maneira de agradecer ao santo pela proteção, mas também é o momento de pagar a promessa feita através de alguma penitência (MESQUITA, 2015). Na festa de santo, ajudar a subir e/ou descer o mastro significa ficar protegido de todos os males.

A comunidade das festas se liga entre si pela emocionalidade de sua devoção, pelos afetos que se constroem por meio das memórias e das sociabilidades em teias de significados. A ação coletiva que integra o ritual de existência do mastro marca ainda mais esse elo social e festivo, criativo, ritual, devocional (CHAGAS, 2018, p.15).

A descida do maestro, em sua maioria, ocorre após sete dias, assim como o ato de desfazer o altar decorado para a celebração da festa do santo(a).

Foto: Arruda (2018)

Procissão Festa de S. Sebastião – Comunidade da Bocaina.
Foto: Arruda (2018)

A PROCISSÃO

A famosa procissão do santo geralmente acontece no encerramento da festa, no dia do santo, quando sua imagem é levada em procissão por um trajeto previamente determinado.

Procissão Festa de S. Gonçalo Comunidade S. G. Beira Rio.
Arruda (2016)

A imagem do santo é carregada em “andor”, espécie de estrutura de madeira ornamentada para o santo e conduzida no ombro pelos fiéis. Existem procissões em que esse andor é conduzido em carro aberto. Na procissão é rezado o terço ou rosário, entoadas muitas ladainhas, cantorias e louvores.

Pelos caminhos das águas – Rio Abaixo -Procissão Santo Antonio – S. A. Leverger.

Foto: José Marques (2022)

Procissão do Divino E. Santo – Rio Abaixo (Poconé)

Foto: Arruda (2018)

Grande Cuiabá - Procissão do Divino Espírito Santo: Coxipó do Ouro

Foto: Tamiozzo (2019)

Serra Acima: Chapada dos Guimarães – Procissão de Procissão Sant" Ana

Foto: Arruda (2022)

LUGARES DE SOCIABILIDADES, SABERES E SABORES DAS FESTAS DE SANTO

As festas, além de denotarem o caráter popular da religiosidade, expressas na exteriorização da fé, evidenciam também o regozijo e a sociabilidade proporcionados na hora de trabalhar na montagem da festa, incluindo rezar, comer, beber e dançar.

A cozinha é o lugar especial da sociabilidade, do encontro e da espacialização da fé. É onde as pessoas se reúnem para trabalhar em prol do santo de devoção.

A cozinha da festa é num grande espaço coberto composto por vários tacurus - fogões artesanais confeccionados com pedras do local e alvenaria convencional, assentado no chão. Nesses preparativos verifica-se a significativa participação voluntária dos devotos do(a) santo(a).

É o lugar onde os alimentos são produzidos e onde os sabores oriundos da terra são transformados por mãos que (re)produzem saberes/fazeres. Os períodos de festa são marcados pelo convívio social e pela comensalidade.

Fotos: Arruda (2018/19)

O MUXIRUM

A palavra “muxirum”, muito comum no linguajar cuiabano, é de origem tupi e significa mutirão, “fazer juntos”.

Trata-se de uma forma de organização do trabalho compartilhado por intermédio de relações de ajuda baseados na reciprocidade, relembrando a contribuição da cultura indígena. É uma prática comum nos momentos que antecedem a festa, quando são realizados os adornos, a preparação dos licores, doces, paçoca de carne-seca, biscoitos e bolos que serão oferecidos no tradicional "chá com bolo” e/ou “quebra-torto”, servidos nos dias do evento. Homens e mulheres ajudam na organização da festa e na preparação dos alimentos, como forma de pagar a promessa ao santo festejado, pela graça recebida, ou mesmo para colaborar na festa.

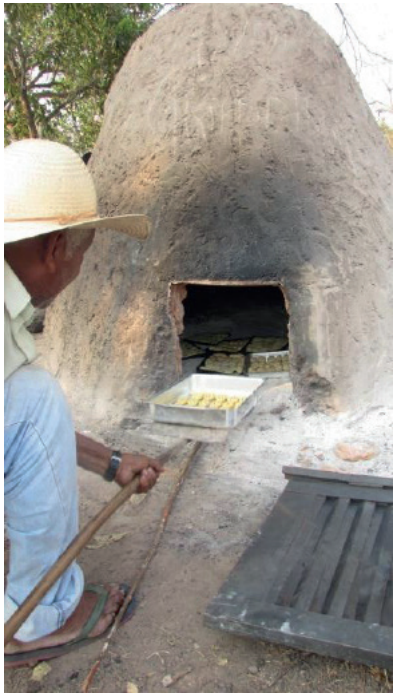
Fotos: Arruda (2018/19)

A SOCATA

A socata é um caso singular de se realizar o “muxirum” para produção dos biscoitos que serão consumidos nas festas de santo.

É o momento pré-festivo em que a comunidade se reúne para preparar estes quitutes, à base de milho e de polvilho, os quais serão distribuídos no tradicional “chá com bolo” ofertado nas festas religiosas de N. Sra. da Guia e Sant’Ana, em Rosário Oeste.

Trata-se de uma atividade comunitária que envolve temporalidades e sociabilidades no processo de sua produção, incluindo desde quebrar do milho, amassar, fazer os biscoitos e assá-los.



Processo de realização das broas de milho – Comunidade Passagem do Chiqueirão – Festa de Sant’Ana.
Fotos: Arruda (2019)

TCHÁ CO' BOLO E/OU "QUEBRA-TORTO"(ZONA RURAL)

Nas festas de santo não pode faltar o “chá com bolo cuiabano” ou, no linguajar local, “tchá co’bolo”, um cardápio matinal composto de bolo de arroz , bolo de queijo (frito ou assado), broa de milho, francisquito, infusão de capim cidreira, chá-mate puro ou com leite e café, além da paçoca de pilão, notadamente na zona rural.

Os sabores que são servidos nas festas de santo representam o momento especial de manifestação de fé e devoção.

Paçoca de pilão, chá de capim cidreira.
Fotos: Arruda (2018)

Bolo de Arroz.
Foto: Arruda (2018)

Francisquito e Chá de cidreira.
Foto: Arruda (2018)

Bolo de Queijo.
Foto: Arruda (2018)

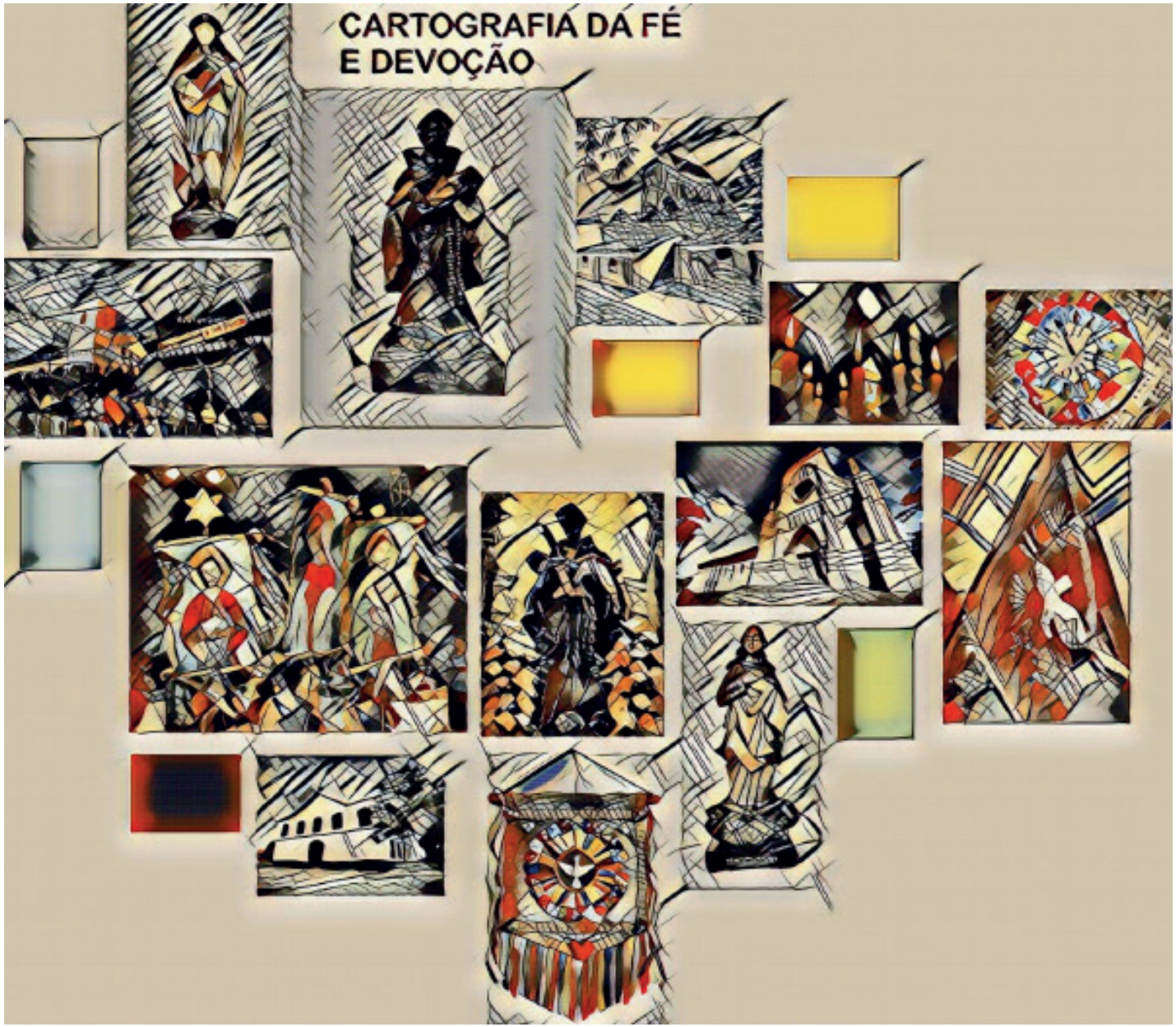
Brôa de milho.
Foto: Arruda (2019)

Seguindo a tradição, pela "comida de santo não se paga", embora em algumas festas realizadas nas cidades tenha se adotado a comercialização dos alimentos.

A culinária típica das festas envolve ingredientes, métodos, preparações, formas de sociabilidades e sistemas de significados que se baseiam, sobretudo, na experiência vivida e que constituem amálgama da identidade e marco simbólico da cultura do povo cuiabano.

Os alimentos da festa mesclam os saberes/ fazeres dos povos indígenas, africanos e portugueses, em uma variedade de sabores típicos da gastronomia regional: a feijoada cuiabana, que é oferecida normalmente no encerramento da festa; “ Maria Izabel”; farofa de banana ou paçoca de carne seca; “cozidão ou “ensopadão”; “revirado”; macarronada com galinha; linguiça caipira encapada com trigo e frita; carne assada; costelinha de porco com arroz; feijão “empamonado”; sobremesas regionais, dentre outras guloseimas regionais.

Fotos: Arruda (2018/19)



Arte gráfica: Maria Elisa Soares

O credo religioso cristão predominante nas regiões pesquisadas neste atlas corrobora, assim como nas demais regiões do Brasil, para a preservação da memória não só do colonialismo português, mas adicionadas de outras formações socioculturais, quer seja nas formas de expressões e celebrações religiosas existentes, quer seja na construção de capela e igrejas (lugares sagrados), bem como nas toponímias dos lugares vinculadas aos santos(as) padroeiros.

Essa região, drenada pelo rio Cuiabá e afluentes, constitui a porção mais antiga do território mato-grossense, onde "as expedições paulistas puseram em prática o projeto da Coroa portuguesa de ampliar seus domínios além da faixa litorânea e da Linha de Tordesilhas" (HIGA, 2005, p. 18). O projeto de territorialização lusitana trouxe em seu âmago o papel da Igreja como legitimadora das conquistas territoriais, das riquezas e de almas de além-mar, mediante a difusão dos pressupostos do catolicismo.

O poder simbólico da Coroa, objetivando a manutenção do controle militar e burocrático em suas terras coloniais, contou com uma série de símbolos e rituais importantes para a transmissão de valores culturais a serem considerados comuns a todos que faziam parte do território colonizado. Assim, as festividades, sem aparente uso da coerção, constituíam-se um sofisticado instrumento persuasivo. Nessas celebrações, os elementos de caráter litúrgico confundiam-se com o profano, em um espetáculo de intenso colorido rítmico, cujas características estão contidas nas insígnias do poder, nas cerimônias de coroação, nos cortejos e procissões, nos parâmentos religiosos usados nas celebrações, no adornamento dos retábulos, plenos de significados simbólicos. As cerimônias públicas, explicitadas em diversos tipos de festejos, sagrados e profanos, estiveram presentes na formação dos núcleos de povoamento, tanto em arraiais quanto nas vilas (SILVA, 2008, apud ARRUDA & SILVA, 2015).

O processo de apropriação de terras ao longo dos séculos XVIII e XIX possibilitou que alguns signatários delas, sertanistas e/ou famílias paulistas devotas às diversas representações da Virgem Maria e de santos venerados pelo colonizador espacializassem a sua devoção e fé por meio da construção de capelas onde, posteriormente, viriam a ser festejados o(a) padroeiro(a) do assentamento humano que se configurava. Permitiu também cultuá-los e celebrar festivamente sua data, pois remetia diretamente à toponímia do lugar, como foi o caso da grande maioria das sedes municipais que atualmente compõem o vale do rio Cuiabá. É evidente que existiu uma forte articulação entre a Igreja e os representantes mais abastados para a edificação de templos religiosos (igrejas e ou capelas) e a manutenção de confraria e irmandades, necessários ao processo de evangelização e controle sobre as representações coletivas pagãs.

Nolasco (2010), em sua obra a respeito da herança portuguesa nas devoções da Cuiabá colonial, pondera que existiu um hibridismo das características fisiográficas do lugar com os santos de devoção, dando origem às localidades, como Santo Antônio do Rio Abaixo, Sant'Ana da Chapada, Nossa Senhora do Rio Acima, São Gonçalo do Porto; além dos nomes de origem indígena, como Cuiabá (de origem bororo: *Ikuiapá*), além daquelas ligadas a sentimentos e desejos, tendo como referência o culto popular à Maria, como a de Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora da Boa Morte e do Bom Despacho. Segundo a autora, o processo da toponímica religiosa acabou perpetuando as inovações e mesmo a identidade das comunidades.

Esse caráter de hibridismo toponímico religioso, na atualidade, passa a ser (re)significado na região pela manutenção do credo e devoção a Nossa Senhora e a incorporação do sentimento de identidade territorial, como é o caso de N. S. do Pantanal, que surgiu a partir do imaginário social pantaneiro e, posteriormente, foi oficializada pela Igreja Católica, em Decreto Episcopal por Dom Milton Santos, como Nossa Senhora Imaculada Conceição do Pantanal.

A origem dessa imagem vem de uma obra feita pela artesã Ida Sanches Mõnacona, nos anos de 1982. Trata-se de uma imagem de argila cuja representação simbólica remete a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, com elementos do ecossistema pantaneiro. Ou seja, a imagem de argila é coberta por um manto lilás adornado com flores e folhas da espécie camalote, prevalecente na paisagem pantaneira.

Popularmente conhecida como Nossa Senhora do Pantanal, passa a ser incorporada no imaginário social como símbolo de proteção ao Pantanal e seu povo, despertando a devoção de fiéis. Sua celebração ocorre no dia 21 de setembro, dia do Pantanal. A territorialização extrapola a região pantaneira, sendo identificada espacialmente na cidade de Várzea Grande (festa e padroeira) e na zona rural do

município de Jangada, onde ocorre a celebração da festa como padroeira da Fazenda Medalha Milagrosa.

Na cartografia contemporânea da fé e devoção no Vale do Rio Cuiabá, constata-se que a devoção Mariana, trazida pelos portugueses, é, em grande parte, responsável pela divulgação do catolicismo no período colonial, no qual N. Senhora da Conceição se insere; apresenta a sua espacialização institucionalizada e devocional marcante no Vale do Rio Cuiabá e entorno (Serra Acima) e, em segundo plano, pela devoção aos inúmeros santos e Cristo. Das 14 sedes municipais que fazem parte dessa região, 11 têm como santa padroeira as representações da Virgem Maria (Imaculada Conceição: N. Senhora do Rosário (Rosário Oeste e Poconé), N. Senhora de Brotas (Acorizal), N. Senhora do Livramento (cidade do mesmo nome), N. Senhora das Dores (Barão de Melgaço e Nova Brasilândia), N. Senhora Aparecida (Jangada e Planalto da Serra), N. Senhora da Guia (Várzea Grande) e de N. Senhora de Sant'Ana (Chapada dos Guimarães).

A devoção e veneração específica à Imaculada Conceição, espacializada pela existência de igrejas/capelas (padroeiras) e ou devocionais, surgidas no período de formação territorial, permanecem representativas em grande parte das comunidades tradicionais e rurais do Vale do Rio Cuiabá, bem como suas mais diversas representações: Nossa Senhora Aparecida, da Guia, das Dores, das Graças, da Glória, Auxiliadora; Santa Luzia, Gertrudes, Rita etc. e nas últimas décadas, Nossa Senhora do Pantanal, com grande representatividade nos municípios do entorno pantaneiro e também em Várzea Grande e Jangada. Nas celebrações festivas dos santos padroeiros e/ou devocionais a evocação Virgem Santíssima, de acordo a fé propalada localmente a uma de suas representações, faz-se presente em todas os rituais festivos de celebração a outros santos, ou seja, além de celebrar o(a) santo(a) padroeiro(a), faz também exaltação e representação à Virgem Maria de devoção local.

As demais sedes municipais estão vinculadas a santos padroeiros de origem e devoção portuguesa, que passam a ser associados a eventos locais ocorridos durante o processo de inserção territorial (fenômeno da água), como é o caso de Santo Antônio (Santo Antônio de Leverger), e/ou como símbolo de proteção da comunidade contra as adversidades ambientais (cheias e ou secas), doenças, mas também em agradecimento à fartura, prosperidade e saúde. São Sebastião, evocado como advogado contra a peste, foi identificado não apenas como padroeiro da cidade de Nobres, integrando também a religiosidade das comunidades rurais que o adotaram como protetor contra as adversidades acometidas não apenas aos homens como também aos animais.

A devoção ao Senhor Bom Jesus de Cuiabá, padroeiro da Capital, remonta ao ano de 1729, e segundo a historiografia local, foi venerado e recorrido pelo povo cuiabano que buscava conforto e proteção frente às epidemias, a exemplo da varíola trazida pelos combatentes da Guerra do Paraguai (1867), da Cólera (1887) e da gripe espanhola (1919). Tanto a festa de padroeiro de Nobres quanto a de Cuiabá são realizadas segundo o calendário litúrgico, segundo os rituais da igreja: liturgia, novenas, procissões etc.; e o profano representativo em bingos, quermesse, almoços e outras atividades culturais.

Se São Benedito não faz parte do rol dos padroeiros oficiais e institucionalizado pela Igreja das sedes municipais da região do Vale do Rio Cuiabá, representa o mais reverenciado, louvado e celebrado, tanto no espaço urbano quanto no rural, uma vez ser símbolo de caridade e humildade. Tanto que, no imaginário social mato-grossense, é considerado o padroeiro da cidade de Cuiabá e referência identitária cuiabana. A representação simbólica do "santo negro" juntamente com a de N. Senhora do Rosário, já estavam presentes nas festas barrocas, porém, pelo seu caráter sincrético, não mereceram o respaldo institucionalizado da Igreja, por considerá-las de caráter profano. Mas a fé e devoção aos santos foi maior, difundindo-se e cristalizando-se nas fissuras da sociedade, nas classes sociais menos abastadas e quilombolas, constituindo um símbolo de resistência de fé e devoção desses grupos sociais.

A celebração e o culto a S. Benedito e N. Senhora do Rosário estão vinculados à ancestralidade africana e não se restringem apenas aos rituais religiosos, mas apresentam dimensões simbólicas que permeiam a fé, a devoção com práticas de encenações e de musicalidade, como a Festa do Congo.

Nessa celebração, o espaço sagrado (casa de são Benedito), lugar de oração e onde acontecem as festividades, se funde ao profano pela fé, sem distinção de credo ou religião.

Casa S. Benedito - N. Senhora do Livramento.
Foto: Arruda (2019)

Nos territórios quilombolas a sua devoção é marcante, e neste trabalho estão representados pela festa de S. Benedito da comunidade de Mata Cavalo de Cima (mestre Nezinho), dentre outras existentes nos territórios quilombolas. Constituem expressão de resistência e valorização das manifestações culturais de matriz cultural afro-brasileira.

Outra manifestação relacionada à celebração de S. Benedito é a lavagem das escadarias da Igreja de N. Senhora do Rosário e S. Benedito, que registra o ato simbólico de resgate da memória, da religiosidade e cultura de matriz africana em consonância com o catolicismo, cujo ato de louvação visa simbolizar tolerância, respeito à diversidade religiosa e à igualdade racial. O caráter multiétnico, a diversidade de processos históricos e culturais da região do Vale do Rio Cuiabá contribuem para que as manifestações culturais, assim como as festas de São Benedito sejam a sua singularidade no cenário mato-grossense.

Além das celebrações religiosas prevalecentes relacionadas às diversas representações de Nossa Senhora, dos santos de devoção, outra celebração prevalecente na região do Vale do Rio Cuiabá e Serra Acima são as festas relacionadas à representação de Cristo, do Divino Espírito Santo e ou da Santa Cruz, como símbolo da fé e exaltação do Cristo vencedor, de proclamação da cruz como sinal do amor universal a Deus. Esse tipo de festa ocorre tanto nas comunidades (eclesiásticas ou não) que possuem a entidade como padroeiro como nas que são devotas.

A festa do Divino, celebrada no dia de Pentecostes, representa outra celebração de maior representatividade em grande parte dos municípios do Vale do Rio Cuiabá, tanto no meio rural quanto urbano. A festa é permeada por ambiente de devoção pelo agradecimento à graça alcançada mediante intervenção do Espírito Santo.

Iconograficamente, é representada por uma pomba e por línguas de fogo, significando a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e a Virgem Maria. Esses elementos estão presentes na Bandeira do Divino, cuja cor vermelha simboliza o fogo e o sangue de Cristo, assim como em todos os elementos que adornam os objetos que fazem parte do ritual: coroa, cetro, salva, mastro, dentre outros elementos festivos. Trata-se de um evento que segue um ritual que reproduz uma prática representativa da territorialização do catolicismo português, representado pela usada nas solenidades festivas (imperador e imperatriz e nas esmolas pelos presidentes de bandeira e confraria), pela salva uma bandeja de prata que serve para sustentação da coroa e do cetro - símbolo de poder e decisão do imperador.

Foto: Domínio público.

Na atualidade, foi verificado que em algumas comunidades do Vale do Rio Cuiabá, as festas do Senhor Divino de Cuiabá, da Comunidade de Bom Sucesso (Várzea Grande), Comunidade de Coxipó do Ouro (Cuiabá) e Poconé mantêm o ritual e os símbolos segundo o modelo celebrado na “ Vila Real Barroca” e outras

com inserção de algumas especificidades locais, mediante a inclusão de elementos simbólicos que remetem à prática cotidiana local (atividade da pesca) e/ou a pecuária (Cavalgada do Divino). A Festa Do Divino não apenas mantém a tradição do ritual da celebração tradicional, mas também o caráter festivo e espetacularizante das festas de outrora. É o que acontece na cidade de Poconé, mediante a realização de espetáculos pirotécnicos (queima de fogos), a "Noite das Luzes", dança dos Mascarados e a Cavalhada. Em diversas escalas de manifestação, as festas do Divino, junto com a de S. Benedito, são prevalecentes nas comunidades urbanas e rurais, e possuem em comum símbolos e significados que permeiam essa celebração: a devoção e a fé.

A forte religiosidade católica possibilita a identificação de uma diversidade de "festas de santo", como S. José, S. Cristóvão, S. Joaquim, S. Francisco, dentre outras, sendo as mais representativas as festas que compõem o ciclo junino: S. Antônio, S. João e S. Pedro. No caso da Festa de S. Pedro, realizada nas comunidades ribeirinhas e pantaneiras, o significado difere das demais localidades, uma vez que está vinculada à identidade cultural dessas comunidades ao rio e/ou com a dinâmica das águas, sendo S. Pedro considerado protetor dos pescadores. Neste contexto, destacam-se as festividades realizadas na Comunidade de S. Gonçalo Beira Rio (Várzea Grande), Comunidade de S. Pedro de Joselândia (Barão de Melgaço), Cachoeirinha (Rosário Oeste), S. Antônio de Leverger, dentre outras comunidades rurais. Presente no imaginário social como "Santos Casamenteiros", Santo Antônio, S. João e S. Gonçalo mantêm representatividade nas práticas culturais dessa região.

Outro santo identificado com expressivo papel no imaginário social, notadamente das comunidades rurais, é S. Gonçalo, considerado como Santo Antônio e S. João, porém dedicado a atender os pedidos das mulheres que têm dificuldade para casar, no dito popular, "as encalhadas".

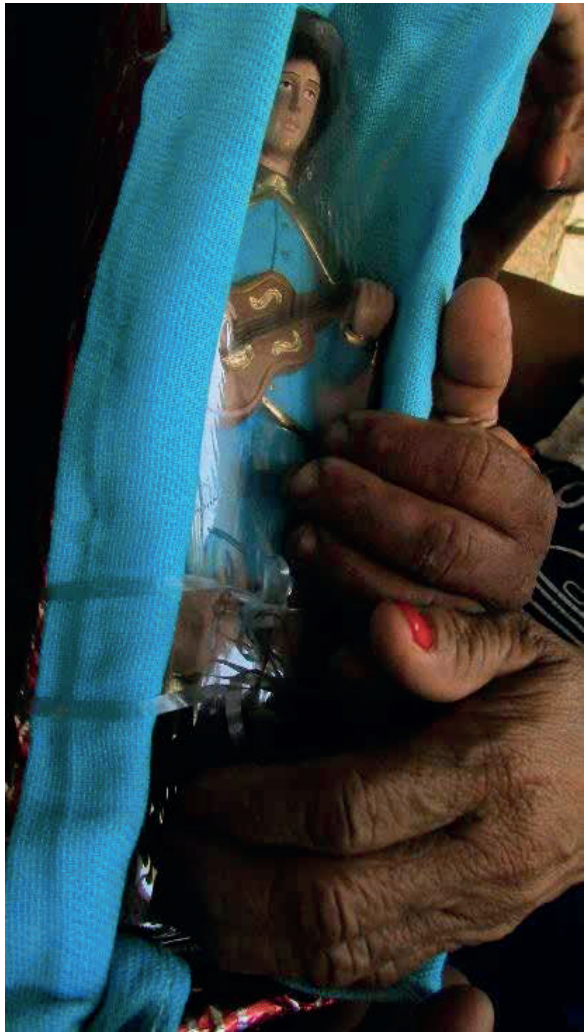


Foto: Arruda (2022)

Das celebrações cartografadas, é a que mantém a sua originalidade e tradição: onde a representação da dança "como manifestação popular" cede lugar para a vivência de uma prática cultural recheada de sentimento e emoções.

A fé e devoção ao santo é representativa em cada gesto e movimento de reverência, embalada pelas cantigas que conduzem a "dança de S. Gonçalo". Representa um ritual festivo de encontro com o divino e agradecimento à graça

recebida; onde a dança, a música e a bebida alcoólica dão o tom da transgressão às imposições comportamentais católicas, razão pela qual foi banida das festividades barrocas realizadas pela Igreja.

Devotas de S. Gonçalo.
Foto: Arruda (2022)

Foto: Arruda (2022)

Fé e devoção pelas lentes de Siqueira (s/D)

Fotos: Arruda (2022)

ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS(AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - RIO ACIMA

Rosário Oeste

PADROEIRA: Nossa Senhora do Rosário

A festa mais esperada pelos devotos de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade de Rosário Oeste, é realizada todo dia 7 de agosto.

A devoção e escolha de Nossa Senhora do Rosário como padroeira da cidade está relacionada ao Sr. Inácio Manoel Tourino e sua esposa, Maria Francisca Tourino, quando, no ano de 1757, estabeleceram um sítio na margem do Ribeirão Monjolo, onde construíram uma capelinha coberta de palha.

A devoção a Nossa Senhora do Rosário fez com que D. Maria Francisca trouxesse do Rio de Janeiro uma imagem da santa, que, posteriormente, no ato de fundação da cidade, passou a compor a toponímia do lugar, em referência a sua padroeira.

PADROEIRO: São Sebastião

São Sebastião é o padroeiro da cidade de Nobres e festejado no dia 20 de janeiro. É considerado o protetor dos leprosos, pois, de acordo com as lendas, costumava visitar estes doentes que ficavam fora da cidade e orava com eles, bem como tratava de suas feridas.

A flechas de São Sebastião revelam-nos a primeira fase das torturas que o santo enfrentou. A árvore em que se encontra amarrado, o carvalho, era, no catolicismo primitivo, símbolo da perseverança, da tenacidade e da persistência, por causa da dureza da madeira nobre. Assim, esse símbolo significa a firmeza, a tenacidade e a perseverança do santo.

O pano vermelho cobrindo suas partes íntimas simboliza o duplo martírio. O primeiro é este retratado na imagem, o segundo foi aquele que causou sua morte física e teve causa mais nobre ainda. Depois de recuperado, Sebastião voltou a se apresentar ao imperador romano, para lhe pedir que parasse com as perseguições contra os cristãos, alegando que o imperador estava perseguindo o próprio Jesus Cristo dentre seus seguidores. O imperador, porém, não cedeu e mandou que Sebastião fosse açoitado e decapitado.

O corpo seminu de São Sebastião simboliza a humilhação que ele sofreu por parte do Império Romano e o pano vermelho cobrindo suas partes íntimas simboliza o duplo martírio sofrido.

Nos dias atuais, nas celebrações e festas do santo, a cor utilizada continua a ser o vermelho, significando que se trata de um evento de santo martirizado.

S. Sebastião.
Foto: Arruda (2018)

PADROEIRA: Nossa Senhora Aparecida

A data de celebração da festa de Nossa Senhora Aparecida se dá no dia 12 de outubro, data reconhecida nacionalmente por se tratar também da padroeira do Brasil.

Nossa Senhora da Conceição Aparecida, popularmente chamada de Nossa Senhora Aparecida, é a padroeira do Brasil, venerada pela Igreja Católica. É ela representada por uma pequena imagem de terracota de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, atualmente alojada na Catedral de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida, em São Paulo.

Segundo a tradição devocional, a imagem da santa teria sido encontrada por três pescadores no rio Paraíba/SP, nos idos do século XVIII, por três pescadores, sendo identificada como Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Por ela ter aparecido no rio, o nome “Aparecida” foi acrescentado pela devoção popular (MACHADO; RABELO, 2018).

Simbologia do rosário: segundo a narrativa sobre o achamento da imagem no rio Paraíba, primeiro os pescadores encontraram o corpo, sem a cabeça, que foi encontrada quando lançaram as redes novamente. Para disfarçar a emenda, teria sido colocado um rosário de contas que descia até as mãos e se tornaria um objeto de devoção popular (SANTOS, 2007).

Não existe registro do motivo da escolha de Nossa Senhora Aparecida para ser a padroeira de Jangada, tampouco quem fez a doação da imagem para a Igreja. A celebração ocorre com a realização da carreata, procissão, celebração da missa e festa social com almoço (churrasco) e jantar gratuitos.

N. S. Aparecida Foto: ASCOM - Domínio Público

Acorizal

PADROEIRA: Nossa Senhora de Brotas

Nossa Senhora das Brotas é um título católico dedicado a Maria, mãe de Jesus de Nazaré. Ela é venerada como protetora do gado, das plantações, dos doentes e necessitados.

O culto a Nossa Senhora de Brotas tem como origem um suposto milagre ocorrido na localidade portuguesa do mesmo nome, no Alto Alentejo, em Portugal, na primeira metade do século XV, após a aparição de Nossa Senhora a um pastor.

É a padroeira da cidade de Acorizal-MT, inicialmente de Brotas, em referência à santa, cuja imagem, segundo a tradição local, foi trazida no ano de 1817 por duas famílias de origem portuguesa que fugiam de perseguições políticas cuiabanas e se instalaram no local onde atualmente encontra-se a igreja de Nossa Senhora das Brotas.

De acordo com uma narrativa, houve um episódio de sumiço de uma vaca, o que levou os sitiantes, em prece fervorosa, a colocar a imagem da santa num tronco seco da lixeira e em suas preces rogavam a devolução das cabeças de gado, pois não podiam ficar sem este bem. Na manhã seguinte, o tronco da lixeira rebentou de brotos e a vaca apareceu com a úbere cheia de leite.

Existe outra versão segundo a qual os pescadores, durante pescaria no Rio Cuiabá, teriam encontrado a imagem da santa enroscada numa rede. Em 26 de outubro de 1938, através do Decreto-Lei- Estadual nº 208, que definiu nova Divisão Territorial do Estado de Mato Grosso, o termo Brotas foi substituído por Acorizal, em referência à quantidade de palmeira acori existente na região.

Foto: Domínio público

FESTA DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS COMUNIDADES RIO ACIMA

Festa da padroeira N. Senhora da Guia Comunidade Igrejinha: Rosários Oeste.
Foto: Siqueira

Festa de padroeiro S. Benedito – Comunidade S. Benedito – Rosário Oeste.
Foto: Siqueira

Festa Divino Pai Eterno – Comunidade Pai Eterno Rosário Oeste.
Foto: Siqueira

Festa de S. Bento e N. Senhora Aparecida Comunidade Ribeirão Grande: Rosário Oeste.
Foto: Siqueira

Festa N. Senhora Aparecida Comunidade: Rosário Oeste.
Foto: Siqueira

Festa do S. Divino – Comunidade Barreiro Vermelho Rosários Oeste.
Foto: Siqueira

Festa do Divino E. Santo Comunidade Mangueiral: Rosário Oeste.
Foto: Arruda (2022)

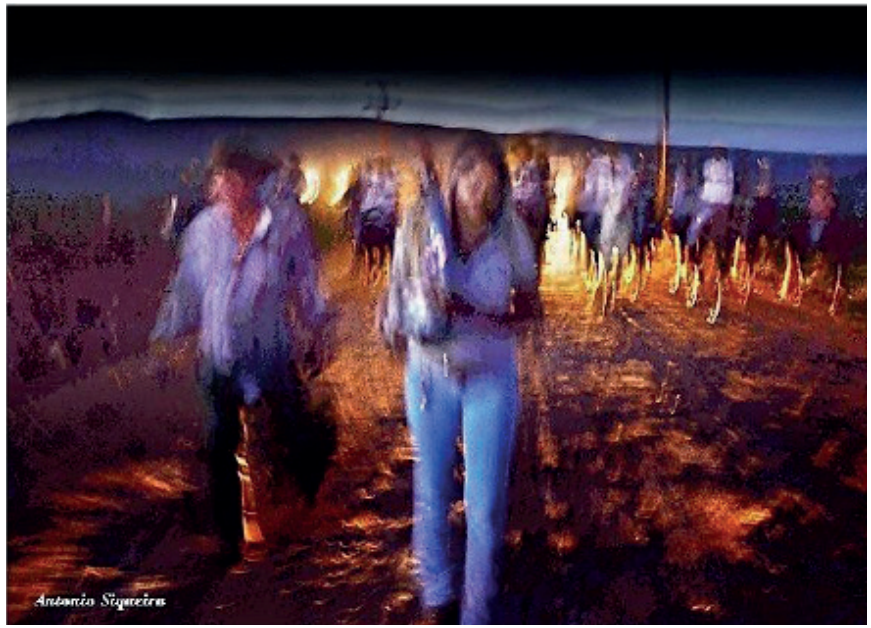
Festa de S. Benedito – Comunidade Passagem do Chiqueirão: Rosário Oeste.
Foto: Arruda (2019)

Festa de Sant'Ana - Comunidade Passagem Chiqueirão: R. Oeste.
Foto: Siqueira

Festa de S. Pedro comunidade Cachoeirinha -: Rosário Oeste.
Foto: Siqueira

Foto: Arruda (2022)

Festa de N. Senhora da Piedade - Taboão: Rosário Oeste.
Foto: Siqueira



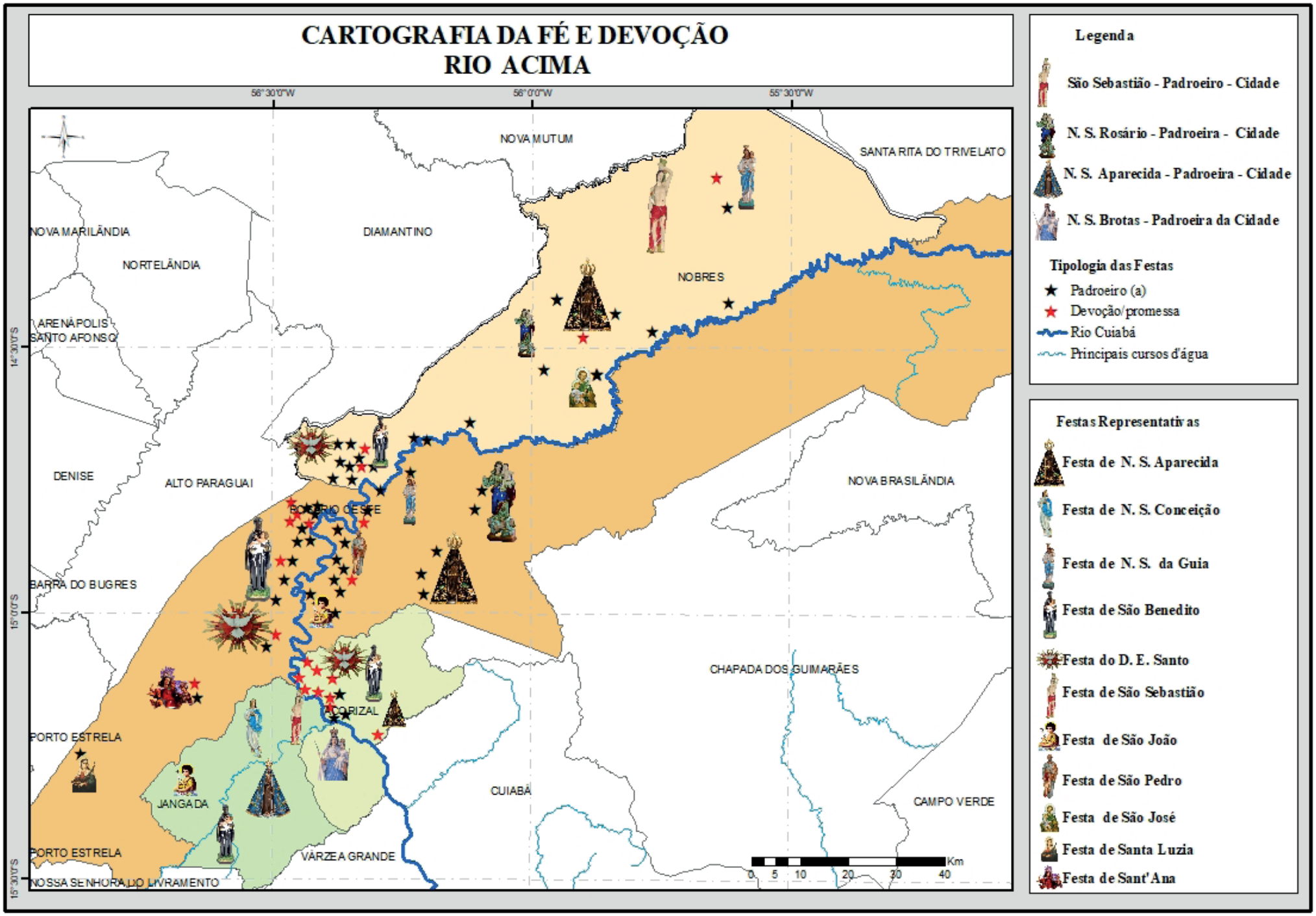
Festa de N. Senhora e S. Benedito : Comunidade de Bom Jardim - Nobres.
Foto: Siqueira

Festa S. Benedito Rua da Barra -Rosario Oeste.
Foto: Siqueira

Festa de S. Benedito – Comunidade de Sales Rosário Oeste.
Foto: Siqueira

Festa de S. Benedito – Igreja Matriz .
Foto: Siqueira

CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO
RIO ACIMA



ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS (AS) E FESTAS DEVOCIONAIS/PROMESSAS - RIO ABAIXO

Santo Antônio de Leverger

PADROEIRO: Santo Antônio

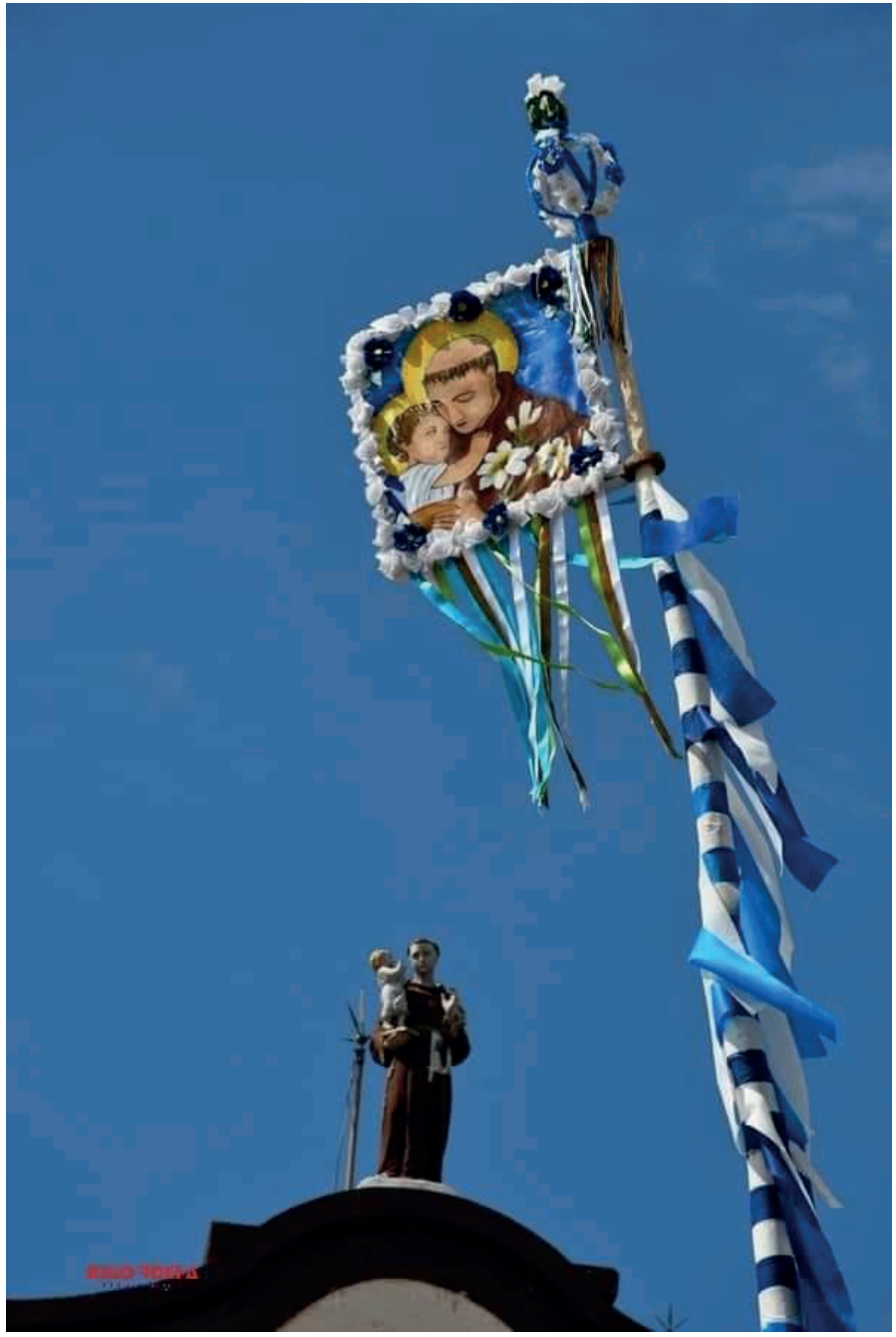
A origem do nome da cidade deve-se à imagem do santo que fora deixada por uma das expedições paulistas que percorriam as minas de Cuiabá, na primeira metade do século XVIII, ainda sob o domínio português.

Esta expedição, a duras penas, vencia as águas barrentas do rio, pois fora vítima do ataque dos índios canoeiros da tribo Guató, os quais afundaram algumas embarcações e mataram alguns homens. As canoas sobradas da refrega penetraram, certo entardecer, por uma boca de água remansosa à beira do sangradouro, para o pernoite.

Os paulistas, refeitos na manhã seguinte, aprontavam-se novamente para a labuta da viagem, quando um dos batelões ficou preso, como se estivesse encalhado num banco de areia. Por sugestão de um deles, desembarcaram a imagem de Santo Antônio, que transportavam. O resultado não se fez esperar, pois o batelão se soltou e os paulistas puderam seguir viagem. Outra monção passou por aquele lugar e quis levar a imagem de Santo Antônio, porém, o fenômeno de impedimento da viagem se repetiu. Os paulistas levantaram, então, uma primitiva capela, que hoje não mais existe.

A Santo Antônio também é atribuído o auxílio para pessoas que desejam encontrar o seu amor, dos casais, dos namorados e das pessoas que procuram objetos perdidos ou pessoas desaparecidas.

No dia 13 de junho é comemorado o aniversário da cidade de Santo Antônio de Leverger e do padroeiro.



Santo Antonio.
Foto:José Marques (2022)

Poconé

PADROEIRA: Nossa Senhora do Rosário

Acredita-se que a escolha da Padroeira da Igreja de Poconé possa estar ligada à Irmandade do Rosário dos Mulatos e Pretos de Vila Bela, já que entre seus habitantes havia descendentes de famílias de lá que poderiam ter difundido a devoção e a imagem da Santa pela província de Mato Grosso.

A partir do ano de 1792, o Padre Domingos Roda Abreu passou a denominar a Capela como de N. S. do Rosário, comprovado nos registros dos moradores do Arraial de S. Pedro d'El Rey.

"Rosário", originada do latim *rosarium*, quer dizer buquê de rosas, grinalda. A festa é comemorada no dia da Virgem, 7 de outubro, mas os preparativos começam antes desta data, com a arrecadação de esmolas, novena e missa.

Todo ano acontece a benção e visita das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário nas casas das famílias, além de contar com a tradicional novena, quando a cada dia é escolhido um tema específico a ser tratado. Nessa ocasião, os servos da Matriz, juntamente com os servos das outras comunidades, compõem a equipe litúrgica. No dia da padroeira é encenada uma procissão, missa e coroação da Virgem Maria, seguida com o tradicional chá com bolo.

Simbolicamente, o véu branco significa a pureza do coração da Virgem Maria e a túnica vermeha lembra os mistérios dolorosos que fazem parte da oração, lembrando que não há vitória sem sofrimento. O manto azul simboliza o céu, para onde se vai através da oração.

Os terços, nas mãos do Menino Jesus e de Nossa Senhora, simbolizam que o Santo Rosário é um presente que veio do céu e que nos leva para ele. Segue-se uma oração simples, profunda e contemplativa, que acalma nosso coração e alimenta nossa fé.

N. S. do Rosário – Poconé.
Foto: Denize Valéria (2022)

Nossa Senhora do Livramento

PADROEIRA: Nossa Senhora do Livramento

A festa é comemorada entre 8 (dia da padroeira) a 10 de setembro.

Segundo narrativas livramentenses, a imagem da Santa chegou à cidade no começo do século XIX, carregada em cima do lombo de um burro, por um grupo de pessoas que viajava com destino ao município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

A comitiva parou para descansar e, na saída, o animal que carregava a imagem da Virgem empacou, mas ao tirar a carga do burro onde estava a imagem, ele andou. Para testar, colocaram novamente a carga e o animal empacou, não saía do lugar. Após várias tentativas, a comitiva decidiu deixá-la no local, onde foi construída uma capela para abrigar a Imagem de Nossa Senhora do Livramento, e hoje se ergue a Igreja de Nossa Senhora do Livramento.

A simbologia da imagem: a Virgem Maria é representada de pé, vestida com uma túnica e um manto azuis, símbolo da realeza, a túnica branca representa a pureza virginal de Maria.

No braço esquerdo, ela segura o menino Jesus, despojado de vestes, que exibe os dedos característicos das representações de Cristo, simbolizando as duas naturezas de Cristo, a humana e a divina. Na mão direita, a santa segura um cetro, símbolo de realeza e uma coroa na cabeça. O menino Jesus também é ornado de coroa real.

Imagem N. S. do Livramento.
Foto: Arruda (2020)

Barrão de Melgaço

PADROEIRA: Nossa Senhora das Dores

15 de setembro é comemorado o dia de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade de Barão de Melgaço.

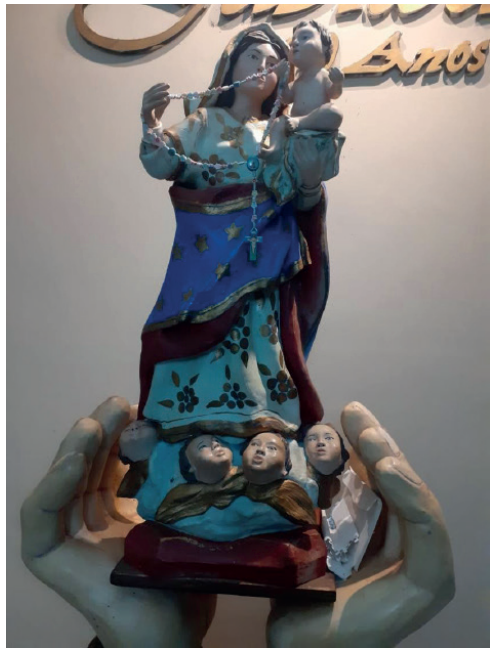
Nossa Senhora das Dores, ou *Mater Dolorosa* (Mãe Dolorosa), incorpora um dos vários títulos que a Virgem Maria recebeu ao longo da história. O significado simbólico refere-se às sete dores que Nossa Senhora sofreu ao longo de sua vida terrestre, principalmente nos momentos da Paixão de Cristo.

A festa acontece no mês de setembro, em comemoração à padroeira, e tem como atrativos culturais diversas danças, como a do lenço, siriri, cururu, seguida do sorteio de prêmios durante o almoço e jantar, baile, dentre outras atrações.

Festa da Padroeira.
Fotos: Arruda (2019)

FESTAS DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - COMUNIDADES RIO ABAIXO

Festa de S. Antôno - Padroeiro de S. Antonio de Leverger
Foto: José Marques



Festa de N. S. Rosário – Padroeira de Poconé

Foto: Denize Valeria (2022)

Festa de N. S. Livramento – Padroeira de N.S. Livramento
Foto: Arruda (2019)

Festa de N. S. Dores– Padroeira de Barão de Melgaço
Foto: Arruda (2019)

Festa do S. Bom Jesus de Varginha A. Leverger.
Foto: Reprodução: Arruda (2018)

Festa de Santa Gertudres Comundade Varginha S.A. Leverger.
Foto: Arruda (2018)

Festa de N. S. Aparecida – Comunidade de Aricá S.A. Leverger.
Foto: Arruda (2018)

Festa de N. S. Santana e S. pedro – Comunidade de Aricá S.A. Leverger.
Foto: Arruda (2018)

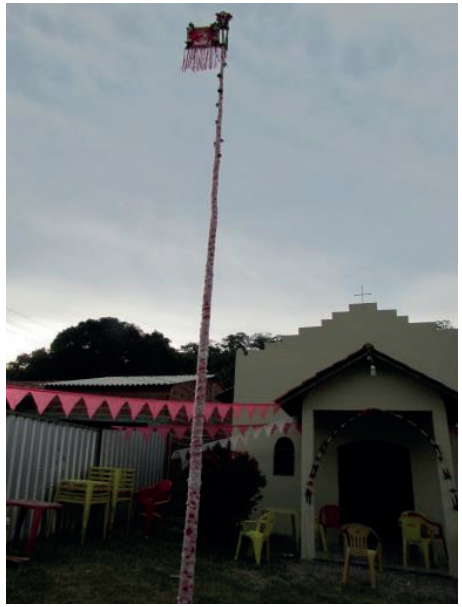
Festa de Santo Reis – Comunidade de Aricá S.A. Leverger.
Foto: Arruda (2018)

Festa de S. Cruz Comunidade de Barreirinho S. A. Leverger.
Foto: Tamiozzo (2019)

Festa de S. Pedro. S. A. Leverger.
Foto: Julio Rocha

Festa de S. Sebastião e N. S. Aparecida Comunidade de Mimoso S. A. Leverger.
Foto: Arruda (2018)

Festa de S. Sebastião – Bocaina. S. Antônio Leverger.
Foto: Arruda (2018)



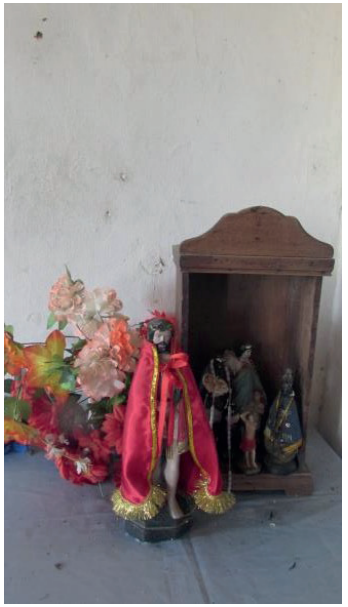
Festa de S. Benedito – Mimoso.
Foto: Arruda (2018)

Festa de S. Sebastião – Padroeiro da comunidade S .Sebastião – S. A. Leverger
Foto: Arruda (2019)

Festa de N.S. Conceição – Praia do Poço. S. Antônio Leverger.
Foto: Prefeitura Municipal

Festa do S. Bom Jesus Comunidade de Engenho Velho (Santo Antonio de Leverger)
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Gonçalo - comunidade de Volta do Poço (Barão do Melgaço).
Foto: Arruda (2019)

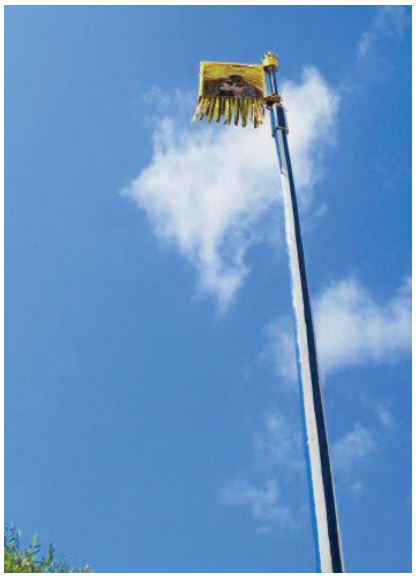


Festa de B. Jesus - comunidade da Piúva (Barão do Melgaço)
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Benedito – comunidade rural de Barão do Melgaço)
Foto: Arruda (2019)

Festa do Divino Espírito Santo - comunidade de Porto Brandão (Barão do Melgaço)
Foto: Paróquia

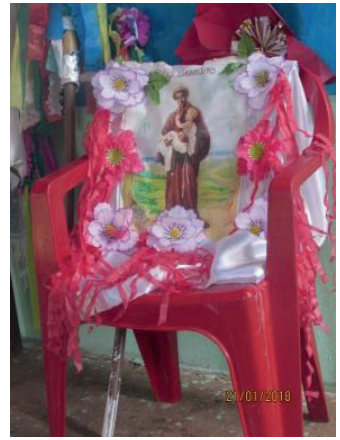
Foto: Domínio público



Festa de S. Bendito - Comunidade de Joselândia- Barão de Melgaço
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Benedito - (Nezinho Quilombo Mata Cavalo de Cima) N. Senhora do Livramento)
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Benedito – Casa S. Benedito - N. Senhora do Livramento.
Foto: Arruda (2019)



Festa de S. José - Sitio Tarumã - N. S. Livramento
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Conçalo e S. Luzia - Sitio Tarumã - N. S. Livramento
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Gonçalo, S. Benedito e Santa Luzia – Sitio de D. Luzia N. Senhora do Livramento
Fotos: Arruda (2018)

Festa de N. Senhora da Conceição (Padroeira)-
Comunidade de Mangueiral (N. S. Livramemnto)
Foto: Arruda (2019)

Festa de N. Senhora da Conceição (Padroeira)- Comunidade Campo Alegre de Baixo (N. S. Livramento)
Reprodução: Arruda (2019)

Festa de N. Senhora das Dores – Família Ferreira -Poconé
Foto: Arruda(2019)

Festa de S. João (lavagem) Casa de festa de D. Polonia (Poconé)
Foto: Mirian Golçalves (2022)

Festa da Imaculada Conceição - Casa de Festa de Dona Conlíria.
Foto: Arruda (2019)

Festejos de S. Gonçalo e S. João - Casa de festa de D. Polonia (Poconé)
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Benedito - Casa de Festa de Dona Negrinha -Poconé
Foto: Arruda (2019)

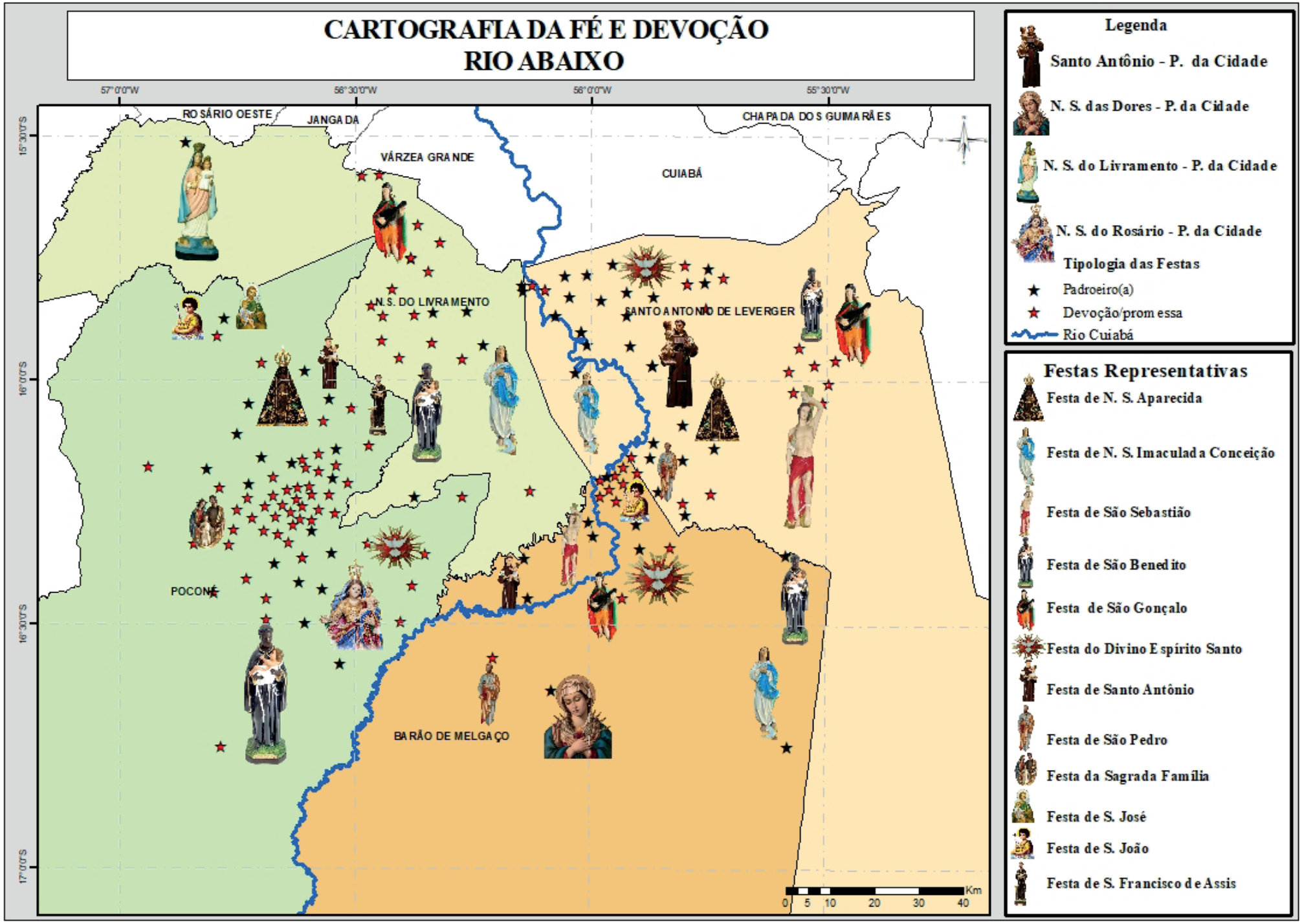
Festa do Divino – Noite das Luzes. -Poconé
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Antônio - Casa de Festa
Prof. Candinha (Poconé)
Foto: Arruda (2019)

Festa da padroeira de Cangas
Pocone.
Foto: Arruda (2019)

Festa de S. Gonçalo – Faval,
N.S.Livramento.
Foto: Arruda (2022)

Festa de S. Benedito -Poconé .
Foto: Arruda (2019)


CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO
RIO ABAIXO
57°0'0"W
56°30'0"W
56°0'0"W
55°30'0"W
15°30'0"S
16°0'0"S
16°30'0"S
17°0'0"S
ROSÁRIO OESTE
JANGADA
VÁRZEA GRANDE
CHAPADA DOS GUIMARÃES
CUIABÁ
N.S. DO LIVRAMENTO
SANTO ANTONIO DE LEVERGER
POCONÉ
BARÃO DE MELGAÇO
Km
0 5 10 20 30 40
Legenda
Santo Antônio - P. da Cidade
N. S. das Dores - P. da Cidade
N. S. do Livramento - P. da Cidade
N. S. do Rosário - P. da Cidade
Tipologia das Festas
Padroeiro(a)
Devoção/promessa
Rio Cuiabá
Festas Representativas
Festa de N. S. Aparecida
Festa de N. S. Imaculada Conceição
Festa de São Sebastião
Festa de São Benedito
Festa de São Gonçalo
Festa do Divino Espírito Santo
Festa de Santo Antônio
Festa de São Pedro
Festa da Sagrada Família
Festa de S. José
Festa de S. João
Festa de S. Francisco de Assis

ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS (AS) E FESTAS DEVOCIONAIS/PROMESSAS - SERRA ACIMA

Chapada Dos Guimarães

PADROEIRA: Nossa Senhora de Sant'Ana

Em 26 de julho é comemorado o dia da padroeira de Chapada dos Guimarães, dia de Sant'Ana. No dia 13 de junho é comemorado o aniversário da cidade de Santo Antônio de Leverger e do padroeiro.

Sant'Ana ou Nossa Senhora Sant'Ana, nome popularmente usado na cidade, foi mãe de Maria, avó de Jesus Cristo. Sant'Ana é a padroeira dos avós, mas também é invocada pelas mulheres que não conseguem engravidar. Santana é também a padroeira da educação, tendo educado Nossa Senhora e influenciado profundamente na formação de Jesus.

A imagem da Sant'Ana foi encomendada do Rio de Janeiro, no ano de 1782, pelo citado Dr. José Carlos Pereira, e tinha cinco palmos de altura, tendo a Virgem do lado esquerdo e na mão direita uma custódia de prata dourada para expor o Santíssimo. Mais tarde a custódia de prata desapareceu. Para substituí-la, o missionário franciscano Pe. Frei Francisco Brugger, artista e poeta, confeccionou, em 1959, um outro "ostensório de Sant'Ana do Santíssimo Sacramento", que, segundo o artista, representa uma roseira em forma de um ostensório: raiz, tronco e folhas, no meio uma rosa aberta, da qual sai a hóstia, feita em duas partes para enfiá-la na mão direita de Sant'Ana.

A festa é precedida pela bandeira, que sai três meses antes, com a função de arrecadar donativos. Depois da missa, segue uma procissão iluminada por velas, levantamento de mastros coloridos de fitas confeccionadas pelos festeiros e duas ou três rodas de São Gonçalo. Seguindo a tradição, em determinado dia os festeiros recebem os cavaleiros e amazonas da Cavalgada Rumo a Serra Acima, que fazem a entrega da santa.

Foto: Arruda (2022)

Nova Brasilândia

PADROEIRA: Nossa Senhora das Dores

A padroeira da cidade de Nova Brasilândia é Nossa Senhora das Dores. A festa em sua homenagem acontece em setembro. Nossa Senhora das Dores é representada ferida por sete espadas (às vezes uma) em seu coração.

Tem também como símbolo o Rosário/Terço de Lágrimas. É ela conhecida por várias denominações, como Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Soledade, Nossa Senhora das Angústias, dentre outras, sendo uma forma de representação da Virgem Maria, mãe de Jesus.

Na iconografia, a expressão do sofrimento e o peito atravessado por sete punhais representa as sete dores que sofrera. O valor veiculado nessa representação indica o despertar dos cristãos a partir da aceitação dos sacrifícios e sofrimentos impostos pelas adversidades da vida, dos quais nem Cristo se livrou. Nolasco (2010) assevera que a devoção a N. Senhora das Dores na Vila Real Barroca era realizada pelos oficiais mecânicos, ou seja, aqueles dedicados às artes.

Não encontramos registro do motivo da escolha de N. Senhora das Dores como padroeira de Nova Brasilândia.

Planalto da Serra

PADROEIRA: Nossa Senhora Aparecida

Nossa Senhora Aparecida é uma das variantes da Imaculada Conceição, mas de cor escura e representa sua aliança com os pobres. A imagem de terracota encontrada pelos pescadores no Rio Paraíba-SP em 1717 tem uma característica peculiar que a define como Nossa Senhora da Conceição: a meia-lua debaixo dos pés.

Na Iconografia cristã, o sol é Jesus Cristo. Por isso, a luz sob os pés de Maria significa que sua luz vem de Jesus e leva a Ele. A lua brilha no meio da escuridão da noite. A escuridão simboliza a humanidade pecadora e a lua simboliza a pureza, a luz. Significa que Maria, mesmo tendo nascido na humanidade pecadora, foi preservada do pecado pela graça de Deus, ou seja, ela é Imaculada (sem mancha) desde sua concepção no ventre de sua mãe, Sant'Ana.

A coroa simboliza a consagração, a iluminação e a elevação de Nossa Senhora à Rainha. Simboliza honra, grandeza e plenitude humana. É um sinal de luta escatológica nos finais dos tempos e a certeza de que Cristo, o filho de Maria, foi triunfado e coroado como o próprio Deus, daí sua mãe merecer o título teológico de mãe de Deus.

Nos pés da imagem de Nossa Senhora Aparecida vemos uma nuvem e um anjinho barroco. Estes dois símbolos são indicativos de que a Virgem Maria está no céu, está na glória de Deus e que lá, junto de seu filho e intercedendo por nós (DUARTE, 2011).

A festa da padroeira de Planalto da Serra é realizada no dia 12 de outubro, com celebrações litúrgicas e carreata pela cidade.

N. S. Aparecida

Foto: Arruda (2018)

FESTAS DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - COMUNIDADES SERRA ACIMA

Festa da padroeira N. Senhora Aparecida – Planalto da Serra .
Foto: Ascom

Festa da padroeira de Chapada dos Guimarães – Sant'Ana 2022 .
Foto: Arruda (2022)

Festa de S. Francisco de Assis Comunidade de Ponte Alta – Chapada dos Guimarães
Fonte: Domínio Público

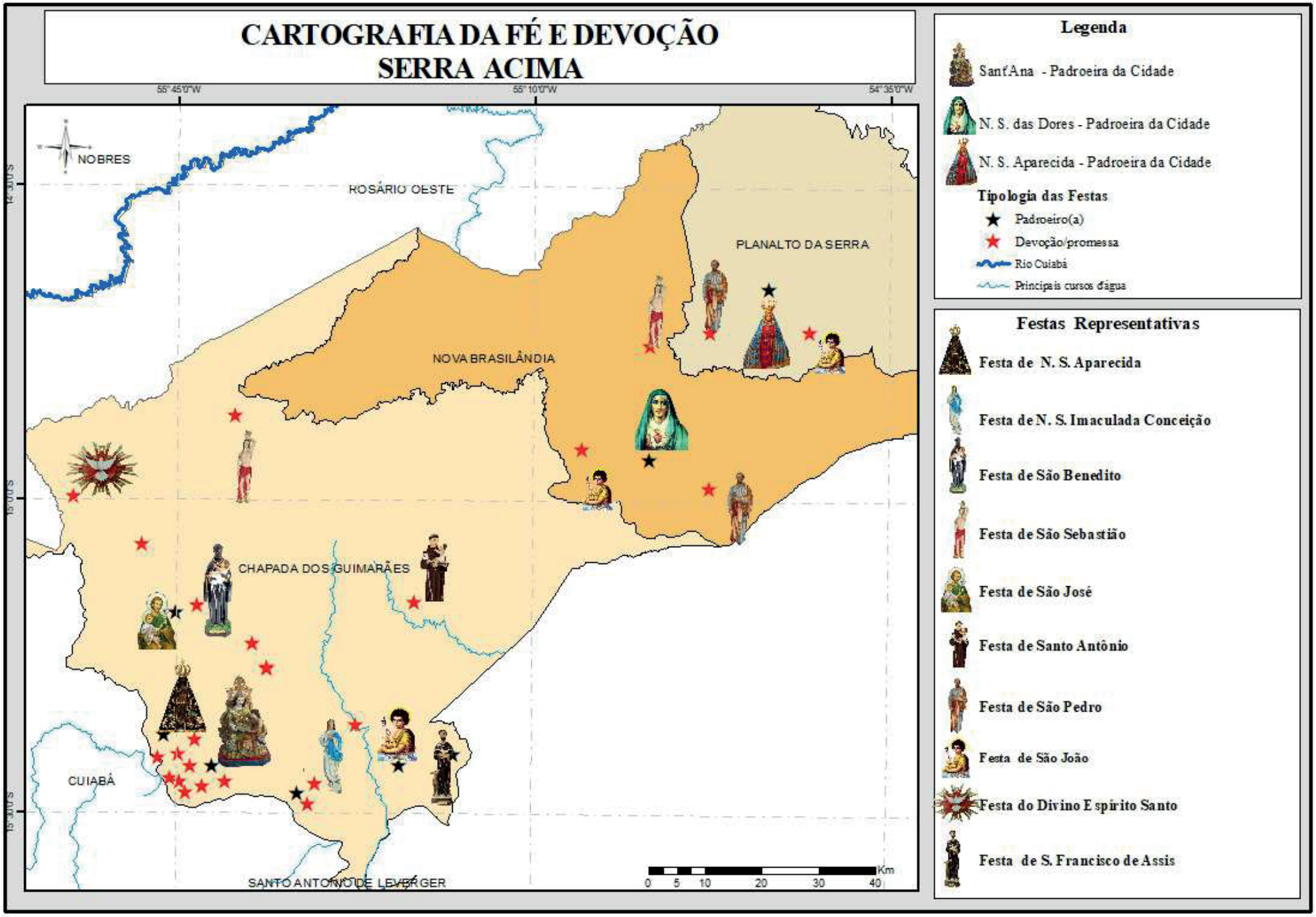
Festa de S. José Padroeiro de Água Fria – Chapada dos Guimarães
Fotos: Arruda

Festa de S. Benedito Comunidade de Cachoeira Rica (Peba) – Chapada dos Guimarães
Fonte: Arruda (2019)

Festa de S. Sebastião – Família Nova Brasilândia
Fonte: Domínio Público

Festa de N. S. Aparecida Aldeia Velha Chapada dos Guimarâes
Fonte: Domínio Público

Festa de N. S. Conceição Comunidade da Biquinha – C. dos Guimarães
Fonte: Arruda (2019)


CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO
SERRA ACIMA
55°45'0"W
55°10'0"W
54°35'0"W
14°30'0"S
15°0'0"S
15°30'0"S
NOBRES
ROSÁRIO OESTE
PLANALTO DA SERRA
NOVA BRASILÂNDIA
CHAPADA DOS GUIMARÃES
CUIABÁ
SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER
0 5 10 20 30 40 Km
Legenda
Sant'Ana - Padroeira da Cidade
N. S. das Dores - Padroeira da Cidade
N. S. Aparecida - Padroeira da Cidade
Tipologia das Festas
Padroeiro(a)
Devoção/promessa
Rio Cuiabá
Principais cursos d'água
Festas Representativas
Festa de N. S. Aparecida
Festa de N. S. Imaculada Conceição
Festa de São Benedito
Festa de São Sebastião
Festa de São José
Festa de Santo Antônio
Festa de São Pedro
Festa de São João
Festa do Divino Espírito Santo
Festa de S. Francisco de Assis

ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: PADROEIROS (AS) E FESTAS DEVOCIONAIS/PROMESSAS - GRANDE CUIABÁ

Cuiabá

PADROEIRO: Senhor Bom Jesus de Cuiabá

A devoção ao Senhor Bom Jesus é originária de Portugal e foi expandida às regiões colonizadas pela Coroa Portuguesa, como Brasil e África.

É voltado ao mistério da Paixão e Morte de Jesus Cristo, sendo os eventos valorizados a coroação de espinhos e flagelação, o caminho doloroso do Calvário, a morte e o sepultamento de Jesus.

A celebração ao Senhor Bom Jesus começou em 1729, com a chegada da imagem pelo Rio Cuiabá e, segundo historiadores, veio em um caixão lacrado e parou no porto geral de Cuiabá. De lá, junto com a procissão, foi trazida para a atual Catedral Metropolitana.

A primeira imagem foi esculpida por uma artesã de Sorocaba (SP), local próximo a Porto Feliz, de onde partiam as monções rumo ao extremo Oeste colonial, onde se encontravam as Minas do Cuiabá.

Em 2022, a Arquidiocese de Cuiabá mandou confeccionar uma imagem bastante similar à do século XVIII, colocada em São Gonçalo Beira Rio, em comemoração aos 303 anos da fundação de Cuiabá.

Foto: Arruda (2022)

Várzea Grande

PADROEIRA: Nossa Senhora da Guia

A Festa de Nossa Senhora da Guia é a mais longa e popular festa religiosa de Várzea Grande. Dura cerca de um a 3 meses, contando com cortejo religioso em homenagem à santa, padroeira da cidade. Em seguida vai até a Igreja de Nossa Senhora da Guia, onde é rezada uma missa e após servido o tradicional chá com bolo.

Festeiros, devotos e autoridades são convidados a participar do evento, que abre oficialmente o início das atividades que seguem até o mês de maio contando com o período das visitas dos festeiros.

A imagem de Nossa Senhora da Guia é assim representada: em um dos braços ela segura o menino Jesus no colo, e na mão carrega uma estrela, que representa a Estrela de Belém, que guiou os reis magos até o menino Jesus. Essa estrela representa também a estrela que guia todos os homens até Deus.

O manto azul simboliza que ela vem do céu, apesar de ser humana, está no céu e de lá nos guia pelos caminhos da vida. A túnica cor-de-rosa simboliza a alegria e o sangue de Cristo e sua Paixão. O menino Jesus no braço esquerdo nos lembra que é através de Cristo que ela nos guia.

Foto: Domínio público

FESTAS DE PADROEIROS (AS) E DEVOCIONAIS/PROMESSAS - COMUNIDADES GRANDE CUIABÁ

Festa do padroeiro de Cuiabá: Bom Jesus
Foto: Arruda (2019)

Distrito de Aguaçu: Festa de N. S. da Graça e S. Bom Jesus.
Foto: Arruda (2019)

Festa do Divino Espírito Santo e N. Senhora Auxiliadora (Padroeira) de Bom Sucesso (Várzea Grande)
Fonte: Arruda (2019)

Festa do Divino Espirito Santo e N. Senhora do Rosário (Padroeira)- Distrito do Coxipó do Ouro
Foto: Arruda (2018)

S. Gonçalo Beira Rio: Festa de S. Gonçalo
Foto: Arruda (2018)

Lavagem da escadaria - S. Benedito (Cuiabá)
Foto: Arruda (2019)

Festa da padroeira de Vázea Grande
Foto: Arruda (2019)

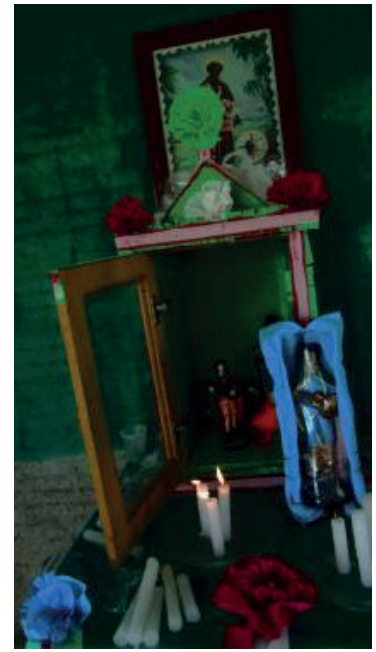
Festa de S. Pedro - Comunidade de Bom Sucesso (V. Grande)
Reprodução: Arruda (2019)

Festa de Santo Antonio e S. Benedito - Alameda (Várzea Grande)
Reprodução: Arruda (2019)

Festa de Santa Cruz e S. Benedito Cruz
Reprodução Arruda (s/d)

Festa de S. Judas Tadeu - Cuiabá.
Foto: Arruda (2022)

Festa de S. Benedito – Igreja do Rosário – Cuiabá
Foto: Arruda (2022)

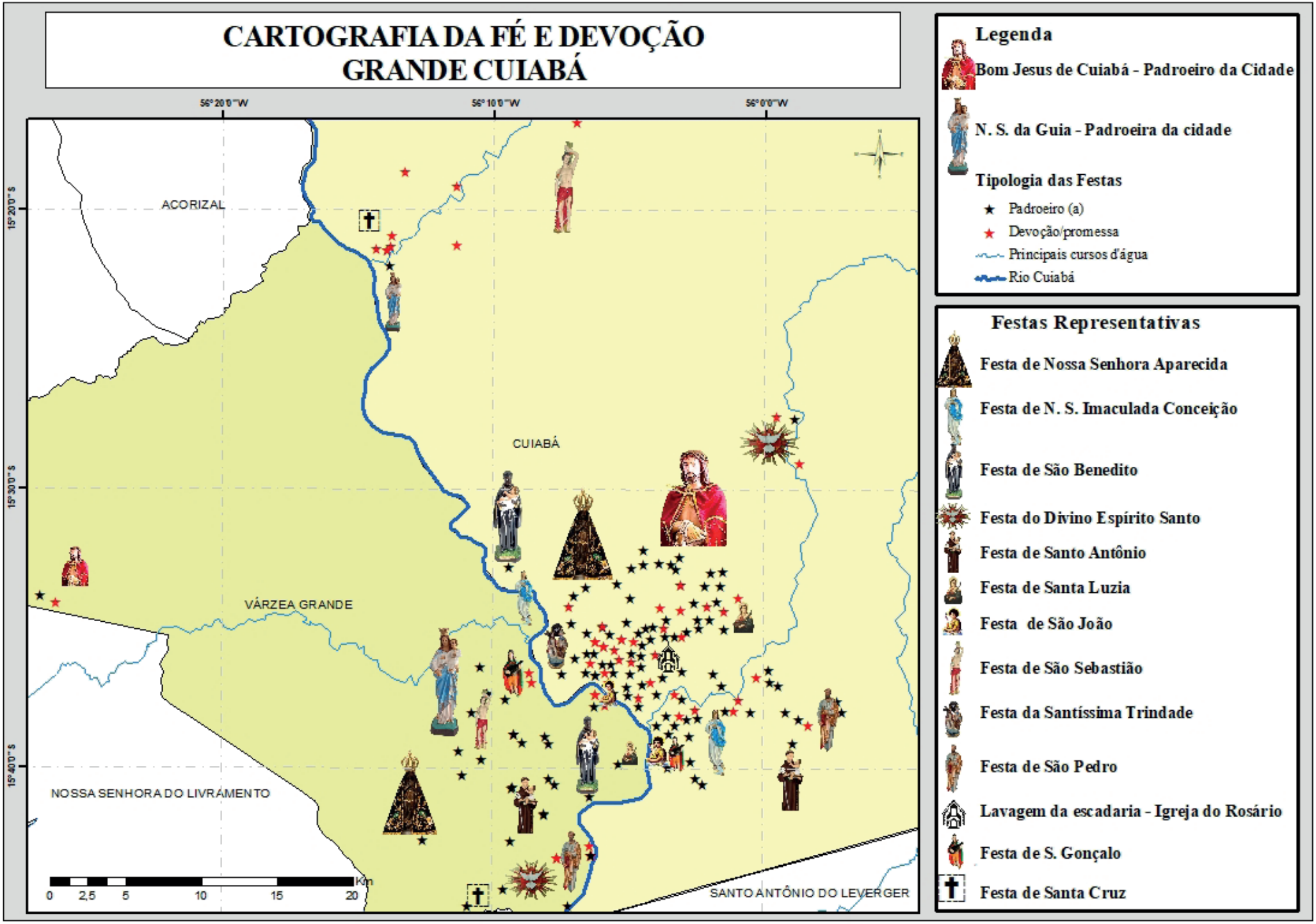


Festa de S. Gonçalo – Faval, N.S.Livramento.
Foto: Arruda (2022)

Festa de N. S. da Guia– Cuiabá.
Foto: Arruda (2022)

Festa de N. S. Rosário – Coxipó do Ouro.
Foto: Tamiozzo (2019)

CARTOGRAFIA DA FÉ E DEVOÇÃO
GRANDE CUIABÁ



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na região do Vale do Rio Cuiabá uma das características mais marcantes é a forte religiosidade, manifestada através das festas santo(a) padroeiro(a) e das devocionais/promessas realizadas por particulares e/ou famílias. Unidos emocionalmente pela fé e devoção, a festa constitui o momento simbólico em que o indivíduo, devoto a(o) santo(a), ao participar de todos os rituais existentes de exaltação e devoção ao santo e/ou através das práticas de sociabilidade que envolvem na organização do ato festivo, realiza o seu contato com o divino.

Essas festas são representações materiais e imateriais que estabelecem e fortalecem os vínculos das culturas locais às culturas trazidas pelos colonizadores ou já existentes nas comunidades originárias. O credo religioso cristão é predominante nas regiões pesquisadas neste atlas, os quais foram trazidos de várias regiões do país e mesmo de além-mar, pelos portugueses, espanhóis, africanos, indígenas, dentre outros.

Mais do que aproveitamento coletivo do lazer, as festas são momentos de sociabilidades, propiciados ora por efemérides ligadas ao poder do Estado, ora pelo calendário religioso estabelecido pela Igreja (TINHORÃO, 2000), ou também pela temporalidade prevalecente nas comunidades. Muitas festas são estabelecidas por um calendário que foge ao estabelecido pela Igreja, mas acontecem em um espaço (re)produzido por tradição familiar ou pelo cotidiano das comunidades e vinculado aos fenômenos da natureza, como as da região pantaneira onde o calendário festivo está vinculado à dinâmica das águas, ou seja, das cheias e vazantes.

As festividades religiosas não se restringem apenas às práticas religiosas em si, mas apresentam dimensões que vão além da simples homenagem aos santos, mesclando práticas culturais que ultrapassam os limites da igreja. Músicas, danças, ritmos e encenações são algumas formas de também celebrar o santo homenageado, ação que envolve toda a comunidade, desde a preparação da festa até a culminância da celebração. Essa simbiose fortalece o caráter de pertencimento e enraizamento das comunidades envolvidas.

Se nas festas de padroeiros realizadas pela comunidade eclesiástica constata-se a nítida separação entre os espaços sagrados e profanos das celebrações, sendo perceptíveis nas missas e procissões e em outro o espaço e práticas de sociabilidade, constata-se nas festas de origem popular das comunidades urbanas e rurais a interação sincrônica entre o espaço sagrado e profano. Em muitos casos observados, o espaço sagrado se restringe à casa do festeiro, onde se encontra o altar do santo homenageado mesclado às orações, cantos e danças; ou no espaço improvisado, onde concomitantemente é realizada a manifestação religiosa e evento festivo. No caso de comunidades rurais onde existem capelas ou igrejas, em sua grande maioria, os rituais religiosos (ladainha e/ou rezas cantadas) são conduzidos pelos capelõe(ãs) que ocuparam o lugar onde o representante da igreja estava ausente.

São nas comunidades tradicionais rurais que as festas de santo mantêm a sua essência, ou seja, não foi ainda captada pelo viés consumista e/ou pela espetacularização das manifestações populares. Essas comunidades resistem à modernidade e continuam entoando as ladainhas proferidas aos santos pelos (as) capelãos (ãs), que mesclam palavras do latim (cultura erudita) e termos regionais (cultura popular); distribuem a “comida e a bebida do santo”, mantêm os rituais, músicas e louvores que são destinados a cada santo.

A preparação da festa é tão importante quanto a festa em si, a organização, os rituais envolvidos, como procissões, novenas, quermesses, levantamento de mastro, danças, entre outros, são propiciadores de momentos de sociabilidades, de fortalecimento das tradições e da cultura das comunidades envolvidas, revelando o pertencimento que estabelecem com o lugar e com o santo.

Os rituais de celebração envolvem temporalidades e espacialidades cíclicas do sagrado, como, por exemplo, o momento da procissão para a realização do levantamento do mastro com a imagem do santo que, em alguns casos, contém elementos simbólicos de louvação ao santo (frutas, bebida) e ao final da festa a descida do mastro quando, em procissão, a imagem do santo é levada para a igreja/capela e/ou ou para a casa do festeiro.

A religiosidade católica popular permanece viva nessa região, seja pela presença de símbolos visíveis da fé, presentes nos santuários domésticos, como imagens de santos padroeiros e/ou devocionais, seja pela perpetuação das festas

religiosas. Ainda que seja uma mediação simbólica, a realização da homenagem ao santo(a) passa de geração em geração, mantendo viva a tradição religiosa e reafirmando a cultura regional. Os rituais envolvidos, como procissões, novenas, quermesses, levantamento de mastro, danças, dentre outros, são símbolos de fé e devoção propiciadores de momentos de sociabilidades, de fortalecimento das tradições e das culturas das comunidades envolvidas, revelando o pertencimento que estabelecem com o lugar.

Procuramos mostrar nesse atlas, através de fotografias e textos, o quanto essas festas religiosas são marcantes na região do Vale do Rio Cuiabá. A pesquisa, viabilizada graças a um projeto aprovado em edital do IFMT/campus Cuiabá Cel. Octayde Jorge da Silva não se esgota nesse atlas, pois, devido ao tempo limitado de sua execução, não foi possível mapear todas as festas que acontecem na região. Outro fator que nos impediu de participar presencialmente de muitas celebrações foram as restrições impostas pela pandemia do Covid-19, razão pela qual muitas não aconteceram em 2021/22 (período de execução do projeto).

Esperamos que esse trabalho possa servir de incentivo para futuros estudos e projetos aos que se interessam pela temática, para divulgar o conhecimento das tradições locais, para promoção e valorização da cultura mato-grossense e sua identidade.

REFERÊNCIAS

Academia Mato-Grossense de Letras. *Revista Centenária da AML*, Cadeira 11, 2021.

AGUAS, C.L.P Tragédia Desestabilizada: Espaços de memória e de transgressão na dança do Congo de Nossa Senhora do Livramento », *Cadernos de Estudos Africanos*, 2013

ALVES, A. M. F. de Q.. *Pintando uma imagem Nossa Senhora Aparecida—1931*: Igreja e Estado na construção de um símbolo nacional / Andréa Maria Franklin de Queiroz Alves. — Dourados: Ed. UFGD, 2013.

AMARAL, I. M; MOREIRA, B. D. *Dança dos mascarados*: resistência e elegância de movimentos Extraprensa, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 121 – 132, jul. /dez. 2020.

ARRUDA, Z.A. , BITTENCOURT, N. F.B Silva, A.S , TAMIOZZO, L.M. *Viola-de chocho*: o saber/fazer que dá rítmo às celebrações mato-grossenses. Colóquio Internacional Modos de Fazer. Porto, 17 a 19 de outubro de 2018 FERREIRA, J.C.V. Mato Grosso e seus municípios. Cuiabá: Secretaria de Estado da Cultura, 1997.

ARRUDA, Z.A; SILVA, G. E.; GUSMAO, R. S. Cultural cartography. The use of gis as a tool for spatialization, analysis and representation of cultural manifestations. In *Mato Grosso (Brazil)*. Coimbra: UNESCO, 2017, v.01, In: Local Identity And Tourism Management On World Heritage Sites - Trends And Challenges. Coimbra: UNESCO, 2017, v.1, p. 529-552

ARIANO, A.H. *Vozes da cuiabania*: identidade e globalização no rasqueado cuiabano (Dissertação). Universidade Federal do Paraná, 2002.

BORDEST, Suíse Monteiro Leon. *Bairro Porto Velho*: em Cartografia de Famílias. Cuiabá: Paruna, 2022.

CHAGAS, E. W. N. *O mastro do santo e a santidade do mastro.* Belém: Universidade Federal do Pará. 2018.

FERREIRA, J. C. V. *Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2018.

FONTES, T.A.P. *O Lambadão de Mato Grosso*: registros de uma dança popular urbana (Dissertação). Universidade Federal de Mato Grosso, 2012.

GRANDO, B. S. Cultura e dança em Mato Grosso. LOCAL: Editora UNEMAT, 2005.

HALL, S. Quem precisa da identidade. In: Silva, T. T. da. *Identidade e Diferença*: A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HIGUET, E. Ambiguidade das imagens religiosas no catolicismo à luz da teologia de Paul Tillich: o exemplo de “Nossa Senhora Aparecida“ no Brasil. *Revista Eletrônica Correlatio* v. 17, n. 1 — 2018.

HIGA, T. C. de S. O Processo de ocupação e formação territorial. In: Moreno, G.; Higa, T.C.S. (orgs.). *Geografia de Mato Grosso*: território, sociedade e ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

HIRAO, H., GOMES, M. de F. V. B., & PEREIRA, M. P. B. (2011). Paisagem: diferentes olhares sobre o espaço geográfico. Formação (Online), 1(13). https://doi.org/10.33081/formacao.v1i13.838.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN — *Dossiê Iphan: modos de fazer da Viola de Cocho*. Brasília: Centro Nacional de Cultura Popular. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_modo_fazer_viola_cocho.pdf>. [Consulta realizada em 16/07/2022].

MAIA, T.T. A imagem de Nossa Senhora Aparecida e os rotagonistas de sua devoção. *Ângulo* 153-154 • Jan • Jun • 2018

MACHADO, Maria Clara da Silva; RABELLO, Jessica Maria Marques. *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*: a Rainha dos brasileiros. Coletânea, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 107- 122, jan./jun. 2018.

MAITELLI, G.T. Hidrografia no contexo regional. In: Moreno, G.; Higa, T.C.S. (orgs.). *Geografia de Mato Grosso*: território, sociedade e ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

MARTINS, M.C.B. (2006). *Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai (Séculos XVII e XVIII)*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: ANPUH.

MONTEIRO DA SILVA, Ubaldo. *Várzea Grande*: passado, presente e confrontos. Cuiabá: 1987, p. 54.

NOLASCO, S.R. *Patrimônio cultural Religioso*: a herança portuguesa nas devoções de santo em Cuiabá. Cuiabá, MT: Entrelinhas:EDUFMT, 2010)

PORTAL MT. Chapada dos Guimarães, acesso 17.10.2022

PORTO, A.T.M; FILHA, J.C.S; CAMPOS, L. C. V; GARCIA, M.R; FRANÇA, R.; BRANDALIZA, W.M.S. Rasqueado. In BRANDO, S.B (org.). *Cultura e dança em Mato Grosso*, 2005.

ROMANCINI, S.R; VICENTE, D.G.V. *Cavalhada em Poconé: cultura e identidade no Pantanal mato-grossense*. Poster , EGAL, 2021

ROSA, S,M.S. *O Lambadão em Cuiabá e Várzea Grande* (Dissertação). Universidade Federal de Mato Grosso, 2016.

ROSS,J; VASCONCELOS, T.N.N;JÚNIOR,P.R.C. O relevo no processo de produção do espaço. In: Moreno, G.; Higa, T.C.S. (orgs.). *Geografia de Mato Grosso*: território, sociedade e ambiente. Cuiabá: Entrelinhas,2005.

SANTOS, L. A cor da santa: Nossa Senhora Aparecida e a construção do imaginário sobre a padroeira do Brasil. In *Imaginário, cotidiano e poder*. Vagner Gonçalves da Silva (org.). São Paulo: Selo Negro, 2007.

SIQUEIRA, E. M. *História de Mato Grosso*: da ancestralidade aos dias atuais. 2 ed. Cuiabá, Entrelinhas,2017.

SILUS, A., PINTO, M. L. Nossa Senhora do Pantanal: da oração à canção. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 23, n. 1, p. 5-17, jan./mar. 2022.

SILVA, Gilian Evaristo França. *Festas e celebrações em Vila Bela da Santíssima Trindade no século XVIII*. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso — UFMT, Cuiabá, Brasil, 2008.

SILVA, Silbene Corrêa Perassolo da. O RASQUEADO CUIABANO: Estudo sobre as interações entre paraguaios e cuiabanos na construção da identidade mato- grossense (1864 a 1940), Cuiabá, Tese Doutorado, ICHS/UFMT, 2021. p. 5-6

SIQUEIRA, E. M. *A ocupação pioneira da região do Rio Abaixo*. Cuiabá: IHGMT - Publicações Avulsas n. 1, 1997

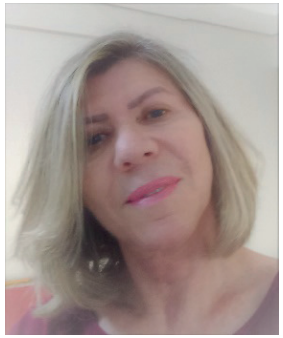
SOTO LABBÉ, P. Propuestas metodológicas para una cartografía cultural. In: Colección *Cuadernos de Talleres de Gestion Pública de Políticas Culturales, n. 1*. Quito: Ministerio de Cultura del Ecuado, 2008.

STEIL, C. A. *Catolicismo e Cultura*. In: Valla, V. V. (org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

TAMIOZZO, Letícia Mainardi (2019. — *As narrativas dos mitos e lendas como estratégia para a elaboração de rota turística cultural no vale do rio Cuiabá, Mato Grosso — Brasil. Cuiabá*: Instituto Federal Mato Grosso — Octayde Jorge da Silva, 2019. Artigo de conclusão de curso.

TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ZULEIKA ALVES DE ARRUDA – Graduada em Geografía (UFMT), Mestre em Geografía (UFPE); Doutora em Geografía (UNICAMP) e Pós-Doc (Universitat Friedrich Schiller -FSU Alemanha). Professora Titular (aposentada) do IFMT Campus Octayde Jorge da Silva, membro do IHGMT. Coordenadora dos Projetos "Cartografía Cultural do Vale do Rio Cuiabá" e "Preservando Saberes e a Memória do Lugar – Comunidade de Campo Alegre de Baixo (Nossa Senhora do Livramento -MT)". Atua na área de Análise Ambiental, Urbana e Regional, Turismo, Cartografía Social e Cultural.



NADIR DE FÁTIMA BORGES BITTENCOURT - Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas; Mestre em Letras pela Universidade de Nancy II, França; Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Letras, com ênfase nas Línguas Portuguesa e Francesa. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT).

ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA - Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1969), Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1990) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999). Tem experiência e produção nas áreas de História e Educação, com ênfase no contexto regional (Mato Grosso). Autora de livros didáticos sobre a História de Mato Grosso, ensino médio. Curadora da Casa Barão de Melgaço (IHGMT e Academia de Letras). Auxilia com pesquisa e publicação de trabalhos que versem sobre a história das Instituições de Mato Grosso. Integra os Grupos de Pesquisa: Educação e Memória do Programa de Pós-Graduação em Educação, área da História da educação - GEM - e Centro Memória Viva do Centro-Oeste, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Co-orienta dissertações e teses junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

RIO ABAIXO – RIO ACIMA E SERRA ACIMA:

POR UMA CARTOGRAFIA CULTURAL DA FÉ E DEVOÇÃO

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023

RIO ABAIXO – RIO ACIMA E SERRA ACIMA:

POR UMA CARTOGRAFIA CULTURAL DA FÉ E DEVOÇÃO

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023